

CADERNOS DE **EXTENSÃO**

Universidade Federal de Roraima

PRAE PRÓ-REITORIA DE
ASSUNTOS ESTUDANTIS
E EXTENSÃO

ISSN 2675-9314
Volume 05, Número 01 (2020)

UFRR e a Extensão Universitária em tempos de pandemia



A Revista “Cadernos de Extensão”, vinculada à Pró-reitoria de Assuntos Estudantis e Extensão (PRAE) da Universidade Federal de Roraima (UFRR) é um periódico de publicação anual, que visa contribuir com a socialização da prática extensionista por meio da publicação de relatos de experiência nas seguintes áreas temáticas: comunicação; cultura; direitos humanos e justiça; educação; meio ambiente; saúde; tecnologia e produção; e trabalho.

Revista Cadernos de Extensão
Universidade Federal de Roraima

JOSÉ GERALDO TICIANELI
Reitor

SILVESTRE LOPES DA NÓBREGA
Vice-reitor

GILSON DE SOUZA COSTA
Pró-reitor de Assuntos Estudantis e Extensão

SELMAR DE SOUZA ALMEIDA LEVINO
Diretora de Extensão

BRENDA RODRIGUES DA SILVA
Diretora de Assistência Estudantil

FABIO ALMEIDA DE CARVALHO
Diretor da Editora da UFRR

RONI PETERSON DE MIRANDA PACHECO
Coordenador de Comunicação – CoordCom

CONSELHO EDITORIAL

Membros do Conselho Editorial da Revista Cadernos
de Extensão - Edição 2020

ANA PAULA DA ROSA DEON – UFRR
ANDERSON DOS SANTOS PAIVA - UFRR
GABRIELLE MENDES LIMA - UFRR
MARIA ALEJANDRA ROSALES VERA – UFRR
SANDRA MORAES DA SILVA CARDOZO – UFRR
PARMÊNIO CAMURÇA CITÓ – UFRR
THAISY BENTES DE SOUZA – UFRR
FERNANDA AX WILHELM - UFRR
FRANCISCA SILVA E SILVA – UFRR
PRISCILLA CARDOSO RODRIGUES – UFRR
FRANCISCO ALVES GOMES – CAP/UFRR
EDNALVA DANTAS RODRIGUES DA SILVA
DUARTE – UFRR
ROSINILDO GALDINO DA SILVA – UFRR
MEIRE JOISY ALMEIDA PEREIRA – UFRR
EDGAR JESUS FIGUEIRA BORGES - UFRR
EDNEY VERAS DOS SANTOS - UFRR- UFRR
GRACIETE GUERRA DA COSTA -UFRR
NÚBIA ABRANTES GOMES- UFRR
LENA SIMONE BARATA SOUZA - UFRR



PRAE PRÓ-REITORIA DE
ASSUNTOS ESTUDANTIS
E EXTENSÃO

Editorial

A Extensão Universitária é uma atividade interativa entre a universidade e a sociedade, que possibilita à comunidade acadêmica uma construção coletiva e social de conhecimento. Tal experiência faz parte do processo de ensino-aprendizagem dos acadêmicos, que contribuem ativamente nos projetos, programas, eventos e demais ações promovidas na Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Até novembro de 2020, foram cadastradas mais de 120 ações de Extensão. Desse total, 26 ofertaram bolsas que envolveram discentes e docentes da UFRR. Essas atividades estão incluídas nos eixos temáticos da Extensão: Educação, Cultura, Comunicação, Direitos Humanos e Justiça, Meio Ambiente, Tecnologia e Produção, Saúde e Trabalho.

Como resultado desse trabalho, surgiram várias ações, dentre as quais foram selecionadas 14 experiências referentes às ações de Extensão desenvolvidas nesse período, ora publicadas neste Cadernos de Extensão.

Tudo aconteceu como resultado do apoio de pessoas que sabiam da possibilidade de adoece-rem ao realizar os trabalhos, pois estavam expostas ao saírem de suas casas e, mesmo assim, fizeram o bem ajudando a salvar vidas.

Nesse contexto, de crise na saúde provocada pela pandemia do novo coronavírus (COVID-19), a Universidade Federal de Roraima (UFRR) teve uma grande participação em busca de alternativas para minimizar os impactos em Roraima. Para isso, contou com apoio de alunos e servidores efetivos e terceirizados.

A Revista Cadernos de Extensão foi criada em 2005, vinculada à Pró-reitoria de Assuntos Estudantis e Extensão (PRAE/UFRR), e tem o objetivo de contribuir com a socialização da prática extensionista na UFRR, por meio da publicação de trabalhos relacionados à Extensão Universitária. A edição de 2020 retorna com um

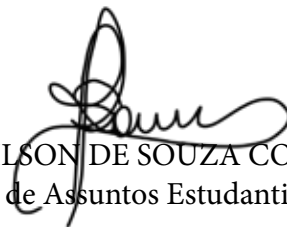
novo projeto gráfico, com periodicidade anual e na versão digital, com acesso na página <http://ufr.br/cadernosextensao/>.

Os trabalhos apresentados nesta edição contribuíram com a comunidade acadêmica e à sociedade, como uma forma de reduzir os impactos da pandemia no estado, que chegou de forma inesperada atingindo a todos. Nesse contexto, nasceram vários trabalhos diferentes e que se complementavam.

As iniciativas integraram alunos, professores e técnicos da UFRR, cumprindo o papel da Extensão, que é mediar as ações desenvolvidas em Ensino e Pesquisa entre a instituição e a sociedade.

A partir da experiência e dos conhecimentos acumulados pelos alunos na realização das tarefas, que em sua maioria foram baseadas em metodologias participativas, a UFRR contribuiu com a saúde da população, ao estimular a cidadania na formação do discente.

Através desses relatos é possível externalizar os conhecimentos gerados no Ensino e Pesquisa, mostrando à sociedade o papel da UFRR na produção de conhecimento, consolidando-a como uma instituição que valoriza e preserva a vida.



GILSON DE SOUZA COSTA
Pró-reitor de Assuntos Estudantis e Extensão



Comissão Editorial

GILSON DE SOUZA COSTA

Editor-chefe

MARIA DA CONCEIÇÃO LOPES

RAPHAELA FERNANDES DOS SANTOS

BORGES DE QUEIROZ

SELMAR DE SOUZA ALMEIDA LEVINO

Editoras-assistentes

MARIA DA CONCEIÇÃO LOPES

RAPHAELA FERNANDES DOS SANTOS

BORGES DE QUEIROZ

Revisão

JOSÉ OTÁVIO COELHO DA SILVA

Projeto Gráfico



PRAE PRÓ-REITORIA DE
ASSUNTOS ESTUDANTIS
E EXTENSÃO

Sumário

FABRICAÇÃO DE ESPAÇADORES ARTESANAIS PARA USO EMERGENCIAL (COVID-19) POR ESTUDANTES DE MEDICINA NO EXTREMO NORTE DO BRASIL	6
RELATO DE EXPERIÊNCIA: O ACOLHIMENTO PSICOLÓGICO ONLINE NA PANDEMIA COM SEUS DESAFIOS E VANTAGENS	10
ADAPTAÇÕES ENFRENTADAS PELAS ATIVIDADES DA LIGA ACADÊMICA FRENTE A COVID	15
ENCONTRO DAS LIGAS ACADÊMICAS DE ENFERMAGEM DE RORAIMA: INTERFACES DO CUIDADO A COVID-19	18
A EXPERIÊNCIA DO ACOLHIMENTO PSICOLÓGICO MEDIADO PELAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DURANTE PANDEMIA COVID-19	22
DIVULGAÇÃO E TRADUÇÃO PARA LÍNGUAS INDÍGENAS DE INFORMAÇÕES SOBRE O NOVO CORONAVÍRUS EM RORAIMA	29
A PROMOÇÃO DA ACESSIBILIDADE À COMUNIDADE SURDA MIGRANTE EM TEMPOS DE PANDEMIA	33
CLUBE DE LEITURA EM TEMPOS DE PANDEMIA	37
LÍNGUA PORTUGUESA E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO EM REDE	41
VIVÊNCIA SOCIAL: PROJETO ARQUITETÔNICO PARA ABRIGOS INSTITUCIONAIS EM RORAIMA	46
TECNOLOGIA SOCIAL PARA AGRICULTURA FAMILIAR: FORMAÇÃO E APLICAÇÃO PARA COMERCIALIZAÇÃO DIRETA	49
O PAPEL DE APOIO, ASSESSORIA E CONSULTORIA DA UFRR PARA AS ASSOCIAÇÕES CULTURAIS	54
ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: PREVENÇÃO, IDENTIFICAÇÃO E ENCAMINHAMENTO DE CASOS EM TEMPOS DE PANDEMIA	57
PATRIMÔNIO CULTURAL EM TEMPOS DE PANDEMIA	61

FABRICAÇÃO DE ESPAÇADORES ARTESANAIS PARA USO EMERGENCIAL (COVID-19) POR ESTUDANTES DE MEDICINA NO EXTREMO NORTE DO BRASIL



Finalizando a confecção
Fonte: O próprio autor

Curso de Medicina da Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, Roraima, Brasil.

Poliana Lucena dos Santos - Acadêmica

Higor Bruno da Silva - Acadêmico

Tenner dos Santos Nunes - Acadêmico

Aline Costa Macedo Menezes Evangelista - Acadêmica

Heuller Pablo Cunha Almeida - Acadêmico

Victor Gabriel da Silva Brito - Acadêmico

Carla Mariana de Melo Beeck - Acadêmica

Gabrielle Mendes Lima - Doutora em Ciências da Saúde
- Professora

Doenças respiratórias, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) são doenças ou infecções que ocorrem no trato respiratório, tanto superior como inferior, causando obstrução da passagem do ar, tanto a nível nasal quanto a nível bronquiolar e pulmonar. Essas infecções são, geralmente, causadas por vírus e possuem um alto contágio devido ao seu elevado potencial de propagação, que acontece, principalmente, através de gotículas contaminadas, que podem ser liberadas pelo espirro, bocejo ou através da fala (FILHO et al., 2017).

Dentre os mais de 200 vírus diferentes causadores das infecções das vias aéreas superiores (IVAS), encontramos, principalmente, os vírus Influenza A, Rhinovírus, Coronavírus e vírus Sincicial respiratório (VERONESI; FOCACCIA, 2010). Novos patógenos respiratórios estão surgindo no mundo, em 2003, a síndrome respiratória aguda grave (SARS), causada por um coronavírus previamente não reconhecido, rapidamente se espalhou por todo o mundo (O IMPACTO GLOBAL DA DOENÇA RESPIRATÓRIA, 2017).

Em dezembro 2019, o novo coronavírus (SARS-CoV-2) acometeu milhares de pessoas na província de Wuhan na China, o vírus rapidamente se alastrou, e em março de 2020, a Organização Mundial de Saúde declarou que estávamos vivendo uma pandemia causada pelo COVID-19. A crise de saúde mundial, causada pela pandemia promoveu um grande aumento na demanda de equipamentos e materiais hospitalares, o que gerou a necessidade de iniciar uma produção artesanal quer sejam EPIs quer sejam outros equipamentos individuais, como espaçadores (OLIVEIRA et al., 2020).

O uso de espaçadores é eficaz e frequentemente utilizado para uso de corticosteroides inalatórios e/ou broncodilatadores em tratamentos profiláticos para diversas patologias pulmonares. Além disso, no atual cenário mundial, o uso de nebulizadores oferece risco de formação de aerossóis, possibilitando a propagação de infecção deste vírus, desta forma, o uso de espaçadores artesanais são mais recomendados (PIZZICHINI et al., 2020).

Os encontros foram realizados semanalmente, por estudantes de medicina voluntários, no período matutino ou vespertino para a produção de espaçadores. Os encontros aconteceram inicialmente na Clínica da Criança Menino Jesus,



Preparação das garrafas
Fonte: O próprio autor



Filamentos doados
Fonte: Ligante voluntário Tenner dos Santos Nunes

em um espaço pré-determinado e respeitando os limites de distanciamento, com no máximo três alunos por período. Posteriormente, os encontros passaram a ser realizados em uma sala específica na Universidade Federal de Roraima com as recomendações de segurança (IRRD/LIKA, 2020). As garrafas pet, sacolas, panfleto informativo, esparadrapos, pistola de cola quente, cola quente, álcool 70%, borrifadores, detergente, lenço seco e as máscaras de nebulização 3D foram obtidos através de doações de terceiros e de empresas ou adquiridos com recursos próprios.

O processo de produção dos espaçadores artesanais se dá pela utilização de garrafas pet de 350 a 600 ml previamente preparadas e higienizadas por meio da retirada do lacre e identificação, seguida de lavagem com água e detergente. Após a lavagem, as garrafas são borrifadas com álcool líquido 70% e secadas. Posteriormente há a higienização das máscaras de nebulização 3D com álcool líquido 70% que após secar é acoplado à garrafa, caso o acoplamento precisasse de

uma maior fixação, neste caso, era utilizado esparadrapos ou cola quente. Depois era feita a colocação do espaçador artesanal recém-fabricado junto com um panfleto informativo de instrução de uso, em uma sacola plástica transparente com lacre em adesivo para embalar (HÁGABO; FRADE, 2019).

As máscaras de nebulização 3D foram impressas em impressora do tipo Ender 3 Pro, o filamento utilizado foi o ABS com diâmetro de 1.75mm, sendo utilizado 45,50 g de filamento para cada máscara com o tempo total de impressão de 4h e 30m. Após a impressão, é utilizado um estilete para acabamento. As máscaras foram impressas pela empresa OPI&imagem e Amart3D. Os espaçadores confeccionados e devidamente higienizados foram destinados ao Hospital da Criança Santo Antônio (HCSA), Hospital e Maternidade Nossa Senhora de Nazaré, Centro de Recuperação Nutricional Infantil (CERNUTRI) e o Hospital Regional Sul Governador Ottomar de Souza Pinto, em Rorainópolis.



Máscaras de Nebulização 3D
Fonte: OPI&Imagem

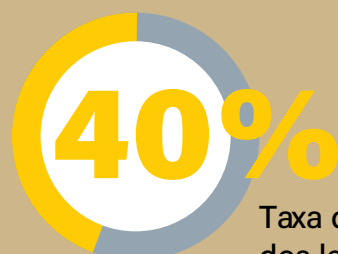
De abril a julho de 2020, segundo dados da prefeitura de Boa Vista, o Hospital da Criança prestou atendimento a mais de 290 crianças diagnosticadas ou suspeitas com o coronavírus. Além disso, de acordo com a Secretaria de Saúde (SESAU) dos 56.182 casos confirmados de COVID-19 em Roraima, 520 foram em crianças menores de 1 (um) ano, e 2.708 em crianças entre 1 a 9 anos. Ademais, a taxa de ocupação dos leitos de UTI no Hospital Materno Infantil por COVID-19 chegou a 40% de ocupação atualmente (SESAU, 2020).

290 
crianças diagnosticadas ou
suspeitas com o coronavírus

56.182
casos confirmados em Roraima

520
crianças menores de 1 (um) ano

2.708
crianças entre 1 a 9 anos



40%
Taxa de ocupação
dos leitos de UTI no
Hospital Materno
Infantil por
COVID-19



Entrega de espaçadores

Fonte: Ligante voluntário Tenner dos Santos Nunes

Assim, é indubitável a necessidade de manter crianças com outros agravos longe do ambiente hospitalar, o que impossibilitaria o uso de equipamentos da instituição. Devido a isso, desde o dia 15 de abril até o mês de outubro foram produzidos mais de 370 espaçadores artesanais. Desses espaçadores produzidos, 03 foram doados ao CERNUTRI, 30 para a maternidade, 25 foram destinados ao Hospital de Rorainópolis e mais de 300 ao HCSA, conforme demanda e solicitação.

Por se tratar de uma situação de saúde pública mundial, a ação de produção dos espaçadores artesanais permitiu aos alunos da Liga de Pneumologia e Tisiologia da Universidade Federal de Roraima (LAPNEUMO) a possibilidade de contribuir com o tratamento de pacientes que são acometidos por patologias pulmonares como asma, bronquite aguda, rinite (alérgica) e sinusite (rinossinusite crônica), doenças que apresentam grande morbidade em crianças e adolescentes, sem aumentar o risco de contaminação pelo vírus Sars-Cov-2. Além disso, essa ação favoreceu aos alunos a oportunidade de desenvolver um pensamento crítico a respeito do impacto da pandemia do COVID-19 no sistema de saúde público brasileiro, contribuindo, de forma significativa, para o desenvolvimento acadêmico dos mesmos.

REFERÊNCIAS

CAMARGO J. S. O. et al, Utilização E Eficácia De Espaçadores No Tratamento Farmacológico de Pacientes Asmáticos: uma Revisão Integrada, Rev Enfermagem, RJ, 2012.

FILHO EBS, SILVA AL, SANTOS AO, DALLACQUA DSV, SOUZA LFP. Infecções Respiratórias de Importância Clínica: uma Revisão Sistemática. Rev FIMCA 2017; 4 (1):6-15

FORUM OF INTERNATIONAL RESPIRATORY SOCIETIES. The Global Impact of Respiratory Disease – Second Edition. Sheffield, European Respiratory Society, 2017.

HÁGABO M. S., FRADE J.C. P. Q., Faça você mesmo: espaçador artesanal para inalador pressurizado, Conselho Federal de Farmácia, 2019.

IRRD/LIKA (2020). COVID-19: Orientações para profissionais de saúde. Instituto para Redução de Riscos e Desastres de Pernambuco (IRRD) da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) e Laboratório de Imunopatologia Keizo Asami (LIKA) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Décima primeira Edição (12 Jun 2020). Disponível em: <https://www.irrd.org/respostaemergencial/>

OLIVEIRA A. C. et al; O Que A Pandemia Da Covid-19 Tem Nos Ensinado Sobre Adoção De Medidas De Prevenção?; enferm. Vol.29 Florianópolis, 2020.

PIZZICHINI MMM, CARVALHO-PINTO RM, CANÇADO JED, RUBIN A et al. Recomendações para o manejo da asma da SBPT-2020. J Bras Pneumol. 2020; 46(1) e 20190307.

SESAU. Governo do Estado de Roraima Secretaria do Estado da Saúde. Boletim epidemiológico sobre a doença pelo coronavírus 2019 (COVID-19), Roraima, Nº 268. Outubro, 2020. Disponível em: <<https://saude.rr.gov.br/index.php/informacoes/coronavirus/informacoes-coronavirus>>.

VERONESI, Ricardo; FOCACCIA, Roberto - Tratado de Infectologia - 2 Volumes - 4ª Edição, Editora Atheneu, 2010.



RELATO DE EXPERIÊNCIA: O ACOLHIMENTO PSICOLÓGICO ONLINE NA PANDEMIA COM SEUS DESAFIOS E VANTAGENS

Universidade Federal de Roraima - UFRR

Ellie Cristina Silva Ribeiro - Graduanda do Curso de Psicologia do CEDUC/UFRR

Regina Célia Martins Costa - Graduanda do Curso de Psicologia do CEDUC/UFRR

Joelma Ana Gutiérrez Espíndula - Pós-doutorado pela Universidade Federal de Uberlândia. Doutorado sanduíche em Ciências pela Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto. Professora associada do Curso de Psicologia/CEDUC e do Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde da Universidade Federal de Roraima

No dia 17 de março de 2020 foram decretadas pelo Ministério de Saúde novas medidas protetivas que indicavam: a utilização de máscara, instituição da quarentena e distanciamento social, devido a chegada da pandemia Covid-19. Esta, é uma doença causada pelo novo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que pode ir de uma simples gripe a uma grave infecção pulmonar. Possui alta transmissibilidade, um simples toque de mão, com alguém infectado, é suficiente para transmissão. Devido a sua gravidade (taxa de mortalidade e transmissão) o Ministério da Saúde desenvolveu rígidos protocolos para prevenção (BRASIL, 2020). Tudo isso traz angústias e sofrimento partir desse cenário, várias entidades começaram a apresentar iniciativas voltadas para minimizar o impacto social que essa doença traz (AQUINO et al., 2020).

Em junho iniciou o projeto de extensão “Acolhimento Psicológico à Distância” em situações durante e após pandemia do novo Coronavírus SARS-CoV-2 (COVID-19) que tem como

proposta oferecer apoio psicológico aos alunos, docentes, técnicos efetivos e terceirizados. Esse projeto é coordenado pela professora Dra. Joelma Ana Gutierrez Espíndula, do curso de Psicologia da UFRR e está vinculado ao Programa de Enfrentamento à Pandemia da Pró-reitoria de Assuntos Estudantis e Extensão (PRAE). O objetivo desse projeto de extensão é oferecer “suporte psicológico não-presencial e orientação para minimizar a dor e o sofrimento psíquico de pessoas que necessitam de atendimento psicológico para auxiliar a lidar com questões relacionadas à pandemia” (ESPÍNDULA & COSTA, 2020, p.5).

Esse projeto de extensão é voltado para atenção psicossocial e saúde mental, considerada um importante compromisso ético-político na relação interpessoal com o cliente e a sociedade. Os profissionais da atenção psicossocial e saúde mental têm papel fundamental em meio a uma pandemia, daí a relevância social desse projeto como uma iniciativa que garante maior acessibilidade, pelos estudantes universitários, ao atendimento psicológico e corrobora com as recomendações de distanciamento social da Organização Mundial de Saúde (OMS). O projeto de acolhimento psicológico on-line também elaborou algumas cartilhas para públicos diversos com objetivo de apresentar orientações e recomendações para o enfrentamento ao novo coronavírus (COVID-19).

Na partir desse cenário e o mencionado projeto de extensão, a proposta do presente trabalho é relatar a experiência de duas estagiárias do último ano de Psicologia da UFRR que fazem parte do projeto, tendo por objetivos identificar o impacto da pandemia COVID-19 na comunidade acadêmica da UFRR, bem como refletir sobre algumas vantagens e desafios desse atendimento on-line através das modalidades de acolhimento e aconselhamento psicológico.

No que se refere aos aspectos metodológicos, o projeto funciona assim: após a divulgação nas redes sociais, a pessoa solicitante coloca seu nome para atendimento no site do Curso de Psicologia, na página da UFRR. Esse procedimento funciona da seguinte forma: o solicitante preenche um formulário digital com informações de dados pessoais de identificação, logradouro, contato, e-mail, em seguida, ela pode explicar os motivos, de forma sucinta, que a levaram a buscar atendimento. Normalmente são descritos os sintomas

ou sentimentos que estão causando sofrimento e pode-se acrescentar comentários também. Nessa mesma etapa, a pessoa classifica em cores que vão de casos mais leves aos emergenciais, dessa forma se dá prioridade aos casos mais urgentes que envolvem pensamentos suicidas e situações de violência. Feita essa solicitação, a pessoa aguarda a ligação de algum participante voluntário ou estagiário para agendar o atendimento. Tanto os estagiários quanto as psicólogas voluntárias participam da supervisão, que ocorre uma vez por semana também de forma on-line. É o momento em que se discute sobre os casos atendidos e a articulação com referencial teórico-metodológico. Conforme a supervisora Joelma Ana Gutiérrez Espíndula, a orientação é fundamentada na experiência vivida pelas estagiárias na relação interpessoal em lidar com aspectos psicossociais para que possa auxiliar na tomada de consciência. Em alguns casos é necessário mais de um encontro. Em casos com ideação suicida, sintomas depressivos temos feito até quatro atendimentos e encaminhamento para instituição específica.

Vale ressaltar que a supervisão se apoia na fenomenologia existencial com intuito de acolher a pessoa em sua necessidade imediata de buscar o Atendimento Psicológico on-line. Na primeira entrevista busca-se dar suporte para seu sofrimento, proporcionar uma escuta atenta e empática. A orientação é que cada encontro seja único,



preparados para a imprevisibilidade das demandas que surgem nos atendimentos, estes, ocorrem em até três encontros, em média de 50 minutos de duração, podendo ser acrescentado um encontro em casos mais complexos.

Tanto os estagiários quanto as psicólogas voluntárias participaram da supervisão, esta, ocorre uma vez por semana também de forma on-line. É o momento em que se discutiu sobre os casos atendidos e articulação com o referencial teórico-metodológico. Conforme a supervisora do projeto, a orientação foi fundamentada na experiência vivida pelas estagiárias na relação interpessoal em lidar com aspectos psicossociais para que possa auxiliar na tomada de consciência.

O projeto funciona desde junho de 2020 e estará em funcionamento até dezembro do mesmo ano. Foram coletadas 107 fichas cadastrais pelo site da UFRR, até novembro de 2020 atendemos a 90 casos (considerando as desistências). Em geral foram realizados até três atendimentos para pacientes mais leves ou que apresentaram de imediato a necessidade de encaminhamento; para outros casos mais complexos realizamos quatro atendimentos e, da mesma forma, o encaminhamento devido. Os casos foram encaminhados aos serviços da rede pública de saúde com atendimentos psicológicos e psiquiátricos.



Os atendimentos psicossociais exigem uma atenção maior devido ao contexto totalmente inusitado provocado pela pandemia, o que ocasionou distintas reações nas pessoas, que tiveram que se adequar à quarentena e ao isolamento social. Patterson (2003) salienta que o acolhimento psicológico exige uma atenção ativa ao cliente, voltada para sua dor, seu sofrimento, essa atenção é necessária para que o cliente sintam-se acolhido. Os principais sintomas mais recorrentes nas pessoas que buscaram atendimento foram: crises de ansiedade e/ou choro, insônia e/ou sono desregulado, estresse, depressão, irritabilidade exacerbada, compulsão alimentar, déficit de atenção, dificuldade em lidar com a quebra da rotina, o que gerou bastante procrastinação relatadas nos primeiros meses da quarentena, frustração, improdutividade e perda da motivação e do sentido de vida, um vazio existencial que lhes invade a alma.

Durante a supervisão, ao ouvir os casos que chegaram ao atendimento on-line, foi possível refletir sobre as vantagens desse projeto, que por meio do aconselhamento psicológico, oferece uma escuta diferenciada, um acolhimento humano e empático àquele que sofre. Propicia também um momento de troca de aprendizados entre a equipe que faz o atendimento, pois ao se discutir os casos atendidos na semana anterior se compartilha experiências de pessoas que chegam até o serviço, às vezes, em grande sofrimento e até com ideação suicida, e ao final do atendimento agradecem pelo conforto recebido, pelo acolhimento, pela oportunidade de falar coisas, que não fariam de outra forma, e ser ouvido por ouvidos atentos e qualificados.

O público atendido é jovem, como o caso da cliente “J” de 23 anos, que chegou com a queixa de ansiedade, insônia, dores de cabeça, desespero e pensamentos suicidas, e durante os atendimentos constatou-se que além dos sintomas citados, sua queixa real era o extremo sofrimento por conta da sobrecarga de conflitos familiares e responsabilidades assumidas, assim, como a crítica dos amigos mais próximos, tudo isso o levou a pensar em suicídio. Ao final do processo pôde se ver uma pessoa comprometida consigo mesma, com seu autocuidado, disposta a buscar ajuda profissional para se conhecer melhor e desenvolver estratégias de enfrentamento eficazes

diante do mundo que lhe apresenta, e visualizando um futuro com esperança e momentos felizes, além das adversidades do seu mundo circundante.

A migração do atendimento presencial para o atendimento on-line apresentou alguns desafios que devem ser pontuados como falta de privacidade, de um ambiente adequado, conexão com internet adequada. Na supervisão, as voluntárias relatam as dificuldades enfrentadas quanto ao atendimento, como por exemplo, os casos em que se tem que remarcar um atendimento porque chegaram pessoas na casa do paciente e não havia mais como realizá-lo; outra situação, foi a do paciente que afirmou não ter privacidade em sua casa e, por isso, não poderia falar algumas coisas; ou ainda, a de um paciente que só conseguia fazer o atendimento pelo celular e devido as notificações de outras Redes Sociais ficou se distraíndo constantemente.

Esses tópicos demonstram alguns pontos a serem contornados no atendimento online. Alguns pacientes se sentem mais seguros falando e se abrindo quanto ao sofrimento em um local distante de onde mora, distante das pessoas que provavelmente afetam sua saúde mental. A presença dessas pessoas, familiares próximos ao local em que o paciente realiza o atendimento, pode deixá-lo intimidado para falar com a liberdade que gostaria, medo de ser ouvido, medo de ser interrompido. Além disso, o paciente pode até dispor de um local adequado, mas que apresenta muitas oscilações na internet, o que ocasionava um atendimento com interrupções.

Outra questão importante trazida por Patterson (2003) diz respeito a consideração positiva, a experiência de demonstrar interesse ao paciente. Isso é demonstrado de diversas formas, principalmente na postura, na linguagem corporal. Demonstrar essa atenção no atendimento on-line representa um desafio maior, já que o cliente só tem acesso à voz do profissional e à imagem do seu rosto.

Por outro lado, o atendimento on-line realizado pelo projeto apresenta grandes vantagens. Começando pelo fato de possibilitar que o paciente realize seu atendimento no lugar mais seguro recomendado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), dentro de casa. Além da facilidade de acesso, pois o atendimento psicológico realizado pelo Curso de Psicologia/UFRR, normalmente



ocorre em um prédio localizado dentro da Universidade, em um espaço físico. Isso exige dos pacientes um meio de transporte e tempo para chegar até o local, no caso do atendimento on-line, a pessoa pode simplesmente conectar o notebook ou smartphone, equipamentos que a grande maioria das pessoas tem acesso atualmente.

Deve-se mencionar também a flexibilidade de agendamento, visto que o profissional voluntário ou estagiário pode adaptar o atendimento à sua rotina, abrindo espaço para que o atendimento seja realizado no horário mais apropriado para ele e para o paciente. Situação que não seria possível no prédio físico da universidade, já que necessitaria de disponibilidade de salas livres, um funcionário presente.

Alguns pacientes relataram se sentirem mais à vontade para abordarem assuntos privados de modo virtual. Percebe-se isso também nos casos em que o paciente posicionava a câmera de forma a não enquadrar seu rosto para falar o que queria. Um deles, passou mais da metade do atendimento no escuro, para se sentir seguro o suficiente para ligar a luz e mostrar seu rosto.

Ressalta-se que, para o profissional, é importante se adequar ao que o paciente apresenta como sendo possível, de acordo com o que aponta Macedo & Carrasco, (2005), onde o terapeuta deve conduzir o atendimento de forma a favorecer a comunicação, possibilitar ao cliente a expressão de seu sofrimento e auxiliar na compreensão de sua conduta.

Para isso, precisamos permitir que o paciente se comunique na forma mais confortável, como ocorreu em um atendimento no qual o paciente pediu para conversar somente pelo chat da plataforma on-line. Ele disse que era mais fácil para se expressar por não contar com um ambiente privado, além de não conseguir expressar de forma verbal, o que gostaria de dizer.



No que se refere às questões éticas, mantêm-se os critérios definidos nas resoluções e cartilhas do Conselho Federal de Psicologia (CFP), assim como mantêm-se as relações do atendimento presencial, de respeito e compromisso ético-político com o que está sendo relatado.

Em relação ao sigilo, há os cuidados para não exposição do paciente e não atender pacientes conhecidos. Além disso, não se deve a conduta do paciente conforme as próprias crenças pessoais, desconsiderando, assim, o contexto em que a pessoa está inserida. Ou seja, toda a ideia de tirar a ênfase do problema em si e colocar a ênfase na pessoa, seus sentimentos, suas possibilidades, seus limites, considerando a inserção desta em um contexto social, político e econômico (PATTERSON, 2003).

A experiência de se disponibilizar para entrar em contato com o outro, ouvir seus relatos de como têm lidado com os impactos da pandemia, assim como, durante a supervisão, ter a possibilidade de ouvir outros casos de atendimentos, histórias de vida e de sofrimentos tão singulares, as diferentes formas de vivenciar um contexto tão desagradável quanto essa pandemia são experiências enriquecedoras, não só por fornecer aprendizado de clínica, mas para uma compreensão geral de como as pessoas têm percebido esse novo cenário que se apresenta.

Espera-se que este relato de experiência possa favorecer a troca de saberes com a comunidade acadêmica e a sociedade, além de contribuir para o desenvolvimento da atuação na área da saúde mental, de forma contextualizada, com as demandas da comunidade, principalmente, considerando o contexto de pandemia que estamos vivendo atualmente.



REFERÊNCIAS

AQUINO, E. M. L., et al., Medidas de distanciamento social no controle da pandemia de COVID-19: potenciais impactos e desafios no Brasil. *Ciência & saúde coletiva* vol. 25, supl.1 Rio de Janeiro, Epub June 05, 2020. Print version ISSN 1413-8123 On-line version ISSN 1678-4561. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/1413-81232020256.1.10502020>> Acesso em 30 de outubro de 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Sobre a doença/O que é Covid-19. 2020. Disponível em <<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca>> Acesso em: 19 de novembro de 2020.

ESPÍNDULA, A. G., COSTA, R. C. M. Cartilha: O idoso e a Covid-19: Cuidados e ações de enfrentamento [recurso eletrônico]. Editora UFRR, 2020. Disponível em <<https://ufr.br/editora/index.php/editais?download=464>> Acesso em 29 de outubro de 2020.

MACEDO, M. M. K., CARRASCO L. K. (Orgs.). (Con) textos de entrevistas: Olhares diversos sobre a interação humana. VITOLA, J. C., CEMIN M. R. A Entrevista Humanista Fenomenológico-Existencial e intervenções do terapeuta. Editora Casa do Psicólogo, 2005.

PATTERSON, Lewis E. O processo de Aconselhamento. Tradução: Magaly Alonso. Martins Fontes Editora Ltda, 3ed. São Paulo, 2003.

ADAPTAÇÕES ENFRENTADAS PELAS ATIVIDADES + DA LIGA ACADÊMICA FRENTE A COVID



Universidade Federal de Roraima - UFRR

Gabriela Pires Menezes Feijó - Acadêmica de Psicologia

John Daniel Silva Mangabeira- Acadêmico de Psicologia

Emily Suely Santos Ferreira- Acadêmica de Enfermagem

Andréa dos Santos Cardoso- Docente do Curso de Enfermagem

Diante do cenário atual pela COVID-19, a população foi recomendada a seguir orientações para cumprir as medidas de segurança por meio do isolamento social, buscando formas de prevenção à saúde. Segundo a Fundação Oswaldo Cruz (2020), o Brasil é o segundo País com maior quantidade de casos e mortes pelo coronavírus com efeitos relacionados à Saúde Mental. Para os profissionais de saúde que atuam na linha de frente, o impacto da pandemia tem se tornado um enorme desafio, como a prevenção de choques emocionais, que envolve a diminuição da qualidade de vida relacionado entre aspectos psicológicos e sociais, causados pelas consequências sanitárias, sociais e econômicas, que atingiram a sociedade durante a pandemia. Outro desafio, encontra-se em proteger os indivíduos com transtornos psicológicos da COVID-19, que pode intensificar a vulnerabilidade, bem como fornecer atenção aos profissionais de saúde, mantendo-os saudáveis para que possam ajudar a quem precisa (FIOCRUZ, 2020).

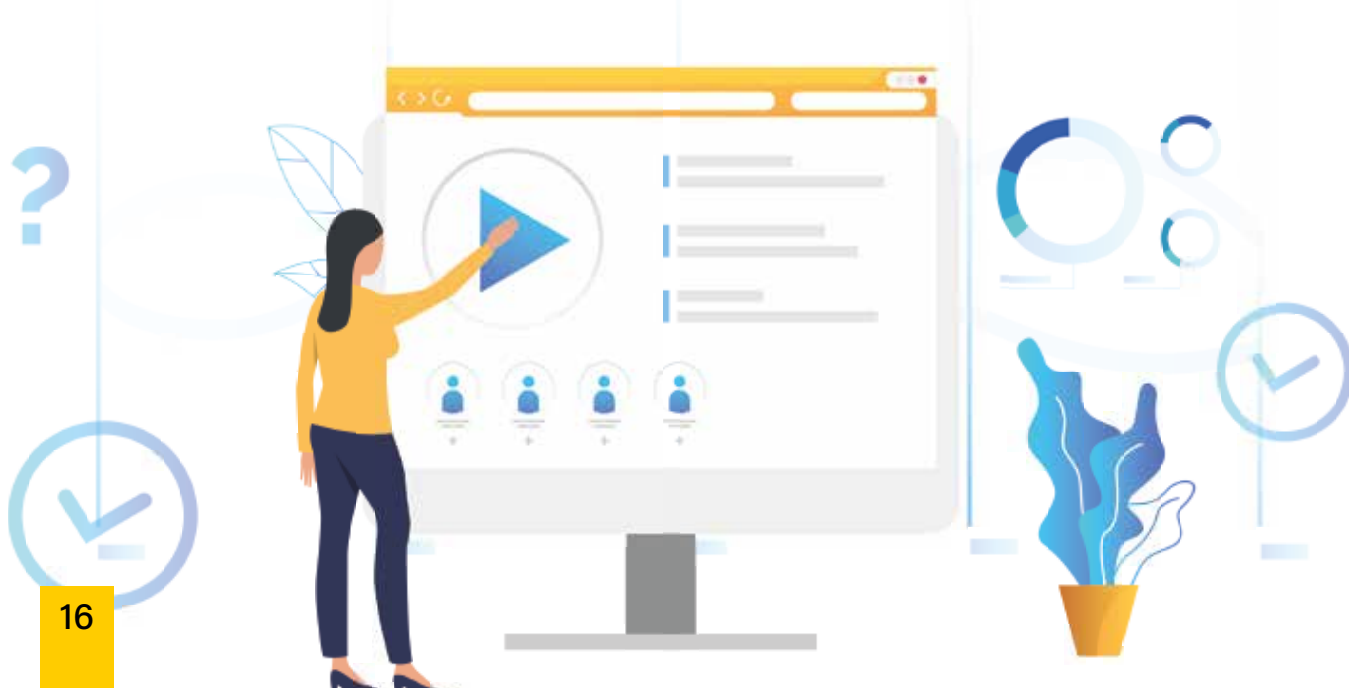
É importante destacar que isolamento, quarentena e distanciamento social são coisas diferentes. O isolamento trata da separação dos contaminados que manifestam sintomas específicos da doença, de pessoas saudáveis; a quarentena é separar e delimitar a movimentação de pessoas garantindo que elas não se contaminem; o distanciamento social refere-se a diminuir a proximidade e aumentar a distância, evitando o contato físico para minimizar a transmissão (IBIDEM, 2020).

Esse relato de experiência busca descrever as atividades desempenhadas da LASMEP, que visam a promoção da Saúde Mental por estudantes de Psicologia e Enfermagem, nos Centros de Atenção Psicossocial, e contribuir com a formação acadêmica e o suporte aos profissionais e usuários do serviço. Durante o contexto pandêmico, com a suspensão das atividades nos CAPS, foi planejado um novo cronograma de atividades online para a permanência das ações da Liga.

A Liga Acadêmica de Saúde Mental em Enfermagem e Psicologia (LASMEP) foi fundada no dia 11 de novembro de 2016. É uma ação sem fins lucrativos, que está vinculada ao curso de Enfermagem do Centro de Ciências da Saúde da Universidade Federal de Roraima. Essa Liga Acadêmica tem como finalidade a promoção do ensino em Saúde Mental entre os acadêmicos de Enfermagem e Psicologia, com a participação em serviços na área da Saúde provendo estudos experimentais, pesquisa e extensão. As atividades da Liga são de grande importância para os acadêmicos, pois proporcionam a oportunidade de treinamento prático em ações de saúde, oficinas, acompanhamentos de consultas e visitas domiciliares. As atividades ocorrem em sua gran-

de maioria nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS), mas devido à pandemia da COVID-19, em 2020, tivemos que nos readaptar para atividades online. Em agosto deste ano, a Liga participou do I Encontro das Ligas Acadêmicas de Enfermagem de Roraima. O cronograma 2020 adaptado pela Liga foi iniciado com um projeto entre idosos, no qual seriam ofertadas atividades para promoção em Saúde Mental em tempos de pandemia, tais como: música, artesanato e rodas de conversas com profissionais qualificados. Essas atividades seriam todas online, com a duração de uma hora, pela plataforma do Google Meets, aos sábados à tarde. Devido à pouca demanda, não foi possível realizar tais encontros. A partir desse momento, a Liga redefiniu seu funcionamento buscando realizar inscrições de até vinte pessoas, com encontros que promovam diálogo e informação, com a participação de psicólogos, enfermeiros, médicos e terapeutas ocupacionais.

As inscrições duraram duas semanas para um novo evento, intitulado “Diálogos em Saúde Mental”, com os temas: Rede de atenção psicossocial em Boa Vista; O vício e a dinâmica dos conteúdos psíquicos e por fim o tema suicídio. Esses eventos ocorreram de forma semanal durante o mês de setembro. A partir deles, começamos a realizar eventos mensais com o propósito de manter conversas sobre Saúde Mental com diversos temas interligados. Em outubro, realizamos o evento “Webinar: saúde mental e comunidade”, com palestras abrangendo assuntos como: Saúde lgbtqi+: corpos dissidentes; o papel do enfermeiro diante das emergências em contexto dos profissionais frente a pandemia; depressão e ansiedade: atendimento



psicológico online e outubro rosa. Os instrumentos utilizados foram computador e internet.

Os encontros promoveram discussões entre os participantes e palestrantes sobre temáticas relacionadas à Saúde Mental. Durante a programação, buscamos esclarecer o que é e como funciona os CAPS, visto que é comum observar um desconhecimento do papel deste serviço público de saúde por parte da população.

Os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) são compreendidos como um espaço de referência que visa melhorar a vida cotidiana e autonomia de usuários e seus familiares, além disso, estimula o exercício da cidadania e inclusão social (FIOTEC, 2020). Nesse sentido, decidimos trazer assuntos como vícios, pois, além de ser um tópico bastante polêmico em diversos modos de dependências, é relevante trazer o diálogo para saber que, em nossa cidade temos o CAPS AD III, que segundo a portaria nº 130, de 26 de janeiro de 2012, é um ponto de atenção especializada da rede de atenção psicossocial destinada à atenção integral e contínua às pessoas com dependências relacionadas ao consumo de álcool, crack e outras drogas (BRASIL, 2012).

O tema sobre suicídio foi a live que mais houve discussões, principalmente, nesses tempos de pandemia. O contexto provocado pela COVID-19 foi um gatilho muito grande para pessoas que vivenciam conflitos diários, como problemas familiares, transtornos mentais, dentre outros. Durante a conversa trouxemos a importância do espaço para o diálogo e informamos a existência do Centro de Valorização da Vida (CVV), que é uma plataforma nacional que acolhe pessoas que estão tendo em vista o suicídio.

O método utilizado durante a pandemia, nas atividades da Liga Acadêmica de Saúde Mental em Enfermagem e Psicologia (LASMEP), foram atividades online com o uso de ferramentas virtuais para promover circuitos de palestras sobre Saúde Mental. Os eventos foram para o público em geral, durando, aproximadamente, uma hora cada live, que tiveram como resultado o oferecimento de diálogos entre os palestrantes/ouvintes e trocas de experiências entre os participantes. A Liga pôde cumprir o seu papel, concedendo informação, esclarecendo dúvidas e debates sobre questões de extrema importância para o momento delicado em que vivemos.

Durante a realização das atividades propostas, observou-se que, inicialmente, houve uma procura maior por temáticas relacionadas ao contexto de Saúde Mental, principalmente, depressão e ansiedade, bastante notificados durante o início da pandemia. Porém, a partir do momento em que avançamos nas atividades, a Liga buscou novas temáticas que abrangessem tanto a Saúde Mental, quanto problemas e situações cotidianas da população, que envolvessem a comunidade ao máximo em nossas atividades. A partir dessa experiência, podemos avaliar como ponto positivo a participação de profissionais altamente comprometidos em suas áreas e bastante dedicados para a propagação de informações fidedignas e confiáveis. Também podemos destacar a colaboração dos membros da Liga, além da participação social e acadêmica nos eventos, que proporcionaram um ambiente de troca de conhecimento e interação. As atividades foram desempenhadas com sucesso e cumpriram seus objetivos de apresentarem informações de importância científica e acadêmica para o público em geral. O ponto negativo encontrado foi a dificuldade ao acesso às palestras (lives) por parte dos inscritos e pelas interferências causadas pelos serviços de má qualidade da internet.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da saúde. Esta Portaria redefine o Centro de Atenção Psicossocial de Álcool e outras Drogas 24 h (CAPS AD III). Portaria nº 130, de 26 de janeiro de 2012. Lex: Coletânea de Legislação e Jurisprudência, São Paulo, p. 328-389, jan./dez. 1. Trim 2001. Legislação da Saúde Acesso em: 16 out 2020. Disponível em: < https://bvms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/gm/2012/prt0130_26_01_2012.html >.

FIOTEC. Você sabe o que são os Caps e como eles funcionam?. FIOTEC. Publicação: 09 Mai 2018. Rio de Janeiro. Acesso em: 16 out 2020. Disponível em: < <https://www.fiotec.fiocruz.br/index.php/noticias/projetos/5324-voce-sabe-o-que-sao-os-caps-e-como-eles-funcionam> >.

NOAL, D. S; PASSOS, M. F. D; FREITAS, C. M. Recomendações e orientações em saúde mental e atenção psicossocial na COVID-19. Brasília: Fundação Oswaldo Cruz, 2020. p. 342. Acesso em: 11 nov. 2020. Disponível em: < https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/44264/2/livro_saude_mental_covid19_Fiocruz.pdf >.



ENCONTRO DAS LIGAS ACADÊMICAS DE ENFERMAGEM DE RORAIMA: INTERFACES DO CUIDADO A COVID-19

**Curso de Bacharelado em Enfermagem da
Universidade Federal de Roraima - UFRR**

Yasmin de Fatima Aragão Mano - Acadêmica

Pamella Penellopy de Matos Cumapa - Acadêmica

Ana Luíza Amorim de Lima - Acadêmica

Tayla Wende Vasconcelos Melo - Acadêmica

Paulo Sérgio da Silva - Doutor em Ciências.
Professor

Como ponto de partida, é essencial contextualizar que a emergente pandemia da COVID-19, causada pelo novo coronavírus (Sars-CoV-2), produziu significativas mudanças nas formas de as pessoas se relacionarem e conceberem os processos da vida. Certamente, estas alterações afetaram diretamente os ambientes universitários, obrigando gestores educacionais, professores, técnicos-administrativos e estudantes a repensarem as formas de conceber o ensino, pesquisa e extensão no âmbito da enfermagem (BEZERRA et al., 2020; SOUZA, 2020).

Especificamente, pensar a extensão no contexto pandêmico da COVID-19 por natureza não é uma tarefa fácil. Isso porque existem múltiplos fatores de risco presentes nos serviços de saúde que obrigam às Instituições de Ensino Superior (IFES) a (re)adequarem as atividades práticas desenvolvidas junto à comunidade. Dentre esses fatores, destacam-se: ausência de equipamentos de proteção individual (EPIs), exposição de estudantes a situações de risco por condições precárias nos ambientes de trabalho em saúde, treinamento in-

suficiente quanto à paramentação e desparamentação, ausência de guias e protocolos orientadores de práticas de cuidar (OLIVEIRA et al., 2020).

Atento a estas problemáticas, o Curso de Bacharelado em Enfermagem da Universidade Federal de Roraima (UFRR), por meio de sua representação estudantil, resolveu promover o primeiro encontro integrado das Ligas Acadêmicas de Enfermagem no extremo norte do Brasil. Uma iniciativa pioneira para o contexto locorregional amazônico, que coloca em íntimo diálogo ensino e serviço para fortalecer os discursos sobre cuidado de enfermagem frente à COVID-19 nas seguintes interfaces: geriátrica, neonatal, pediátrica, obstétrica, saúde mental, urgência, emergência e alta complexidade.

Trata-se de subáreas no domínio da Enfermagem em que as práticas de cuidar de seus trabalhadores são compreendidas no contexto da COVID-19 como um conjunto de ações dirigidas à pessoa sadia ou adoecida, às comunidades e aos grupos populacionais; visando promover e manter conforto, bem-estar e segurança, no máximo limite de possibilidades profissionais e institucionais. São ações incondicionais do corpo que cuida, envolvendo impulsos de amor, ódio, alegria, prazer, esperança, desespero, energia, por ser um sujeito em situação que envolve disponibilidade do corpo para tocar, manipular humores e odores (FIGUEIREDO et al., 2012).

Orientado por estas contextualizações é reconhecido que os apelos da enfermagem, sobretudo nas mídias sociais e plataformas digitais em tempos de coronavírus, mostram dois grandes aspectos de um trabalho do tipo profissional. Primeiro, a identidade dos que exercem a enfermagem com a realização de uma prática de forte relevância social, visível nas mensagens agrupadas nas hashtags #fiqueemcasa e #nadadenovonofront, diretamente relacionadas às pessoas que são seu objeto de trabalho. Segundo, a defesa de condições apropriadas para o exercício profissional, visível nas hashtags #cadêmeuEPI e #agorasomosherois, relacionadas à força de trabalho e às condições requeridas para a realização de um trabalho com esta expertise e utilidade para a vida humana (FORTE; PIRES, 2020).

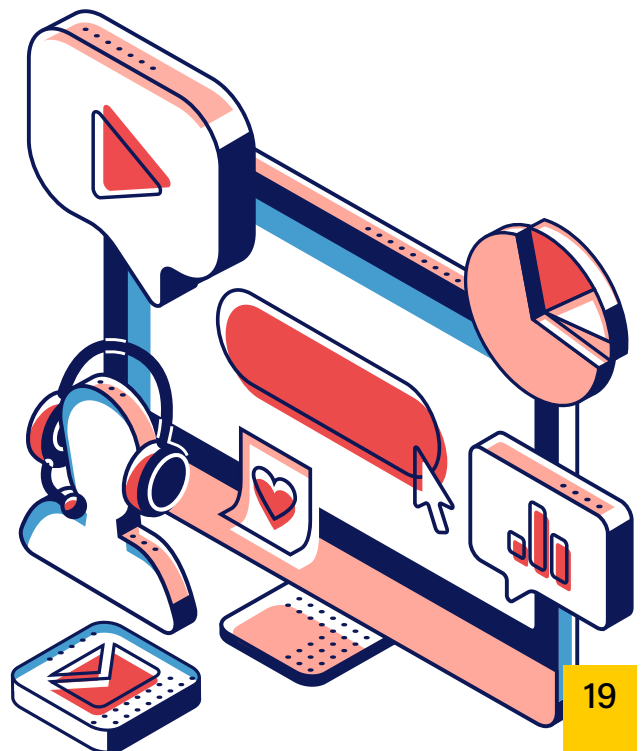
Pensando nestes apelos para o cuidado e defesa à vida que as Ligas Acadêmicas de Enfermagem da UFRR se uniram para promover o encontro virtual com o tema central “O cuidado frente ao COVID-19”. Dentre as finalidades do evento,

destaca-se a promoção de discussões na área da saúde, sobretudo no domínio da enfermagem integrando membros da comunidade acadêmica e dos serviços de saúde em Boa Vista - Roraima.

Dado que o interesse deste artigo está centrado na apresentação sistematizada das experiências extensionistas, que beneficie a produção de conhecimentos para prática de cuidar em enfermagem frente a pandemia do novo coronavírus, emerge o seguinte objetivo: descrever as experiências advindas do evento extensionista primeiro encontro das ligas acadêmicas de enfermagem de Roraima.

No plano metodológico, assume-se descritivamente em Daltro e Faria (2019, p. 226) o “relato de experiência” como forma de apresentar as vivências referentes a organização e participação de um evento virtual extensionista. O encontro congregou pesquisadores, professores, estudantes e profissionais da área da saúde em geral para composição de conhecimentos que tocaram cuidados ao coronavírus.

Ocorrido na primeira semana de agosto de 2020, o evento intitulado, “I ENCONTRO INTEGRADO DAS LIGAS ACADÊMICAS DE ENFERMAGEM DE RORAIMA”, foi idealizado e organizado por representações docentes e discentes da Liga Acadêmica de Enfermagem em Geriatria e Gerontologia de Roraima (LAEGG); Liga Acadêmica de Enfermagem Obstétrica (LAEO); Liga Acadêmica de Enfermagem em Neonatologia e Pediatria de Roraima (LAENP); Liga Acadêmica Roraimense de Enfermagem em Emergência (LAREE); Liga Acadêmica Roraimense de Enfermagem em Terapia Intensiva (LARETI) e Liga Acadêmica de Saúde Mental em Enfermagem e Psicologia (LASMEP).



O evento foi realizado de forma virtual iniciado pela Plataforma do YouTube e finalizado junto a Plataforma do Google Meet. As atividades desenvolvidas foram conversas sobre as ações de cuidar protagonizadas pela enfermagem em tempos de pandemia da COVID-19; considerando o contexto de Boa Vista. Cada encontro virtual foi permeado pela integração de professores da UFRR e enfermeiros que atuam nos serviços junto à rede municipal e estadual de saúde.

Rumo à discussão, o evento apresentou temas atuais no plano da assistência de enfermagem no contexto pediátrico, neonatal, obstétrico, geriátrico, mental, urgência, emergência e alta complexidade. Assim, todos os encontros suscitaram provocações sobre um saber-fazer em enfermagem permeado pela adoção de posturas éticas, humanas, solidárias, cidadãs e políticas frente ao atual contexto epidemiológico da COVID-19 em Roraima.

As “conversações”, termo assumido em Deleuze (2013, p. 73) para aqui retratar os “pensamentos e ações” de cuidar, proporcionaram a transmissão de conteúdos atuais, bem como experiências concretas e efetivas, que estão sendo realizadas junto aos serviços da atenção primária em saúde, instituições de longa permanência para idosos, centros de atenção psicossocial, maternidade, unidades de pronto atendimento e unidades de terapia intensiva em Boa Vista. Tais movimentos dialógicos proporcionaram uma ampliação do conhecimento sobre a pandemia no contexto local e a compreensão dos principais desafios enfrentados para operacionalização do cuidado de Enfermagem.

Os resultados desta experiência extensionista foram organizados em duas dimensões: competências adquiridas pelos estudantes organizadores do evento e impactos do evento junto à comunidade organizada em meios digitais. Os principais resultados obtidos no plano qualitativo durante o processo de organização do evento apresentado como competência apreendida pelos estudantes de enfermagem foram: planejamento estratégico situacional, educação permanente, liderança, trabalho em equipe, gestão de conflitos, criatividade, (re)organização de espaços digitais, monitoramento e avaliação de atividades.

No que diz respeito à dimensão numérica os achados referentes ao total de participantes por atividade permitem afirmar que no primeiro encontro referente às conversações sobre os

cuidados de Enfermagem ao idoso participaram 85 pessoas. No segundo encontro, que tratou as conversações sobre os cuidados de enfermagem no contexto pediátrico e neonatal, ocorreu uma instabilidade da internet e problemas de transmissão envolvendo som e imagem, o que garantiu um total de 55 pessoas. O terceiro dia, contou com a participação de 72 pessoas e retratou as conversações sobre os cuidados de Enfermagem em situações clínicas de urgência, emergências e alta complexidade. No quarto dia, foram produzidas conversas sobre os cuidados obstétricos de enfermagem e participaram da atividade 70 pessoas. Por fim, no quinto dia, as conversações sobre saúde mental no período de pandemia tiveram 65 participantes.

Baseado nisso, é possível descrever que esta experiência extensionista de organização e realização do “I ENCONTRO INTEGRADO DAS LIGAS ACADÊMICAS DE ENFERMAGEM DE RORAIMA” fortaleceu os vínculos entre as Ligas em prol de um trabalho coletivo no contexto de fornecer informações em saúde para a comunidade em tempos de pandemia. Outro aspecto, diz respeito ao trabalho interdisciplinar, uma vez que a área da Psicologia se articulou de forma diretamente com o curso de Enfermagem.

Falar em eventos virtuais perpassa pela visibilidade institucional das Ligas Acadêmicas da UFRR nas redes sociais por meio de mídias digitais; uma vez que a divulgação do evento ocorreu por meio de hashtags em diferentes plataformas. Nesse sentido, percebeu-se uma integração entre os cursos de enfermagem do estado de Roraima, tendo em vista que o evento contou com a participação de representantes estudantis e docentes do Instituto Federal de Roraima, Universidade Estadual de Roraima, Faculdade Roraimense de Enfermagem, Centro Universitário Estácio da Amazônia e cursos técnicos profissionalizantes.

Cabe sublinhar ainda que o evento foi capaz de promover visibilidade interinstitucional, onde marcaram presença representantes das seguintes instituições superiores de ensino: Universidade Federal do Amazonas (UFAM), Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Por último, e não menos importante, a íntima relação teoria e prática produzida pelo encontro de professores e enfermeiros que desenvolvem ações de cuidar nos serviços de saúde.



O encontro das Ligas Acadêmicas de Enfermagem de Roraima pensado em interface aos cuidados de Enfermagem frente à COVID-19 foi desafiador no plano investigativo, sobretudo quando se considera o atual momento que pede passagem para emergentes formas de viver, ensinar, aprender e conceber o próprio movimento de fazer extensão. Nesse sentido, o evento proporcionou uma atualização para a comunidade interessada sobre como se comporta a pandemia no cenário local com informações científicas atuais e vivências que denotam as reais práticas de cuidar de enfermagem nos serviços de saúde de Boa Vista.

No que diz respeito às limitações do evento que merecem destaque neste relato: em momentos pontuais o evento enfrentou instabilidades na transmissão. No que diz respeito às perspectivas: espera-se que as atividades virtuais das Ligas Acadêmicas encontrem no evento a oportunidade para continuidade de suas ações. Foi produzida um canal no Youtube que integrou todas as Ligas da UFRR e pode servir de local de divulgação das atividades de Extensão por elas desenvolvidas. Por fim, espera-se que as experiências relatadas nas dimensões da organização deste evento sejam responsáveis em suscitar o desejo para a realização de emergentes estudos com enfoque para produção de saberes na área da Saúde Coletiva considerando os territórios digitais como veículos de disponibilização de informações.

REFERÊNCIAS

- BEZERRA, Anselmo César Vasconcelos; et al. Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 25, n. Supl.1, Jun, p. 2411-2421, 2020.
- DALTRO, Mônica Ramos; FARIA, Anna Amélia. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. *Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 223-237, Jan, 2019.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações*. São Paulo: Editora 34; 2013. 240 p.
- FIGUEIREDO, Nêbia Maria Almeida, et al. Cuidado de enfermagem: espaço epistêmico de vivências de ensino a partir do ser cliente. *Revista de Enfermagem da UERJ*, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 167-72, Abr, 2012.
- FORTE, Elaine Cristina Novatzki; PIRES Denise Elvira Pires. Os apelos da enfermagem nos meios de comunicação em tempos de coronavírus. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 73, supl. 2, p. 1-7, Jul, 2020.
- OLIVEIRA, Hudson Carmo, et al. Equipamento de Proteção Individual na pandemia por coronavírus: treinamento com Prática Deliberada em Ciclos Rápidos. *Revista Brasileira de Enfermagem*, Brasília, v. 73, supl. 2, p. 1-5, Jul, 2020.
- SOUZA, Diego de Oliveira. A pandemia de COVID-19 para além das Ciências da Saúde: reflexões sobre sua determinação social. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 25, n. Supl.1, p. 2469-2477, Jun, 2020.

A EXPERIÊNCIA DO ACOLHIMENTO PSICOLÓGICO MEDIADO PELAS TECNOLOGIAS DIGITAIS DURANTE PANDEMIA COVID-19



Universidade Federal de Roraima - UFRR

Joelma Ana Gutiérrez Espíndula

Pós-doutorado pela Universidade Federal de Uberlândia. Doutorado sanduíche em Ciências pela Universidade de São Paulo - Ribeirão Preto. Mestre pela FCLRP-USP. É professora associada do Curso de Psicologia/CEDUC e do Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde da Universidade Federal de Roraima.

A Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou emergência sanitária provocada pelo novo coronavírus (COVID-19), em 11 de março de 2020, como uma pandemia. O termo “pandemia” se refere à distribuição geográfica de uma doença e não à sua gravidade. A crise provocada nesse contexto alterou a rotina de milhões de pessoas e teve impacto direto na saúde mental da população.

Diante deste contexto pandêmico, que levou a criação de medidas de controle preconizadas pela OMS, que afetam a população e a humanidade em muitas dimensões, estilos de vida e de saúde (BARROS et al., 2020), surgiu a iniciativa, a partir do dia 10 de Junho de 2020, da criação do projeto de Extensão (em andamento) “Acolhimento psicológico à distância em situações durante e após pandemia do novo coronavírus (COVID-19), vinculado ao Programa de apoio ao enfrentamento à pandemia da Pró-reitoria de Assuntos Estudantis e Extensão (PRAE) da Universidade Federal de Roraima (UFRR), tendo como propostas

oferecer suporte psicológico, acolhimento, aconselhamento e orientação por ferramentas de Tecnologia de Informação e Comunicação (TICS), buscando minimizar a dor e o sofrimento psíquico da comunidade acadêmica (alunos, docentes, técnicos efetivos e terceirizados) dos três campi da UFRR para auxiliar a lidar com questões relacionadas à pandemia, bem como contribuir com a formação profissional dos estudantes do curso de Psicologia/Centro de Educação (CEDUC) da UFRR e jovens psicólogas disponíveis em colaborar na assistência psicológica.

A iniciativa é coordenada por mim, docente do Colegiado do curso de Psicologia/CEDUC e do Mestrado de Ciências da Saúde (PROCISA) da UFRR, busquei responder à necessidade emergencial de atendimento psicológico e compromisso social com a sociedade. O projeto atualmente conta com o apoio (equipe) de cinco psicólogas voluntárias, quatro estagiários do curso de Psicologia/UFRR e quatro orientandos (dois psicólogos do Mestrado, um aluno de Monografia e um aluno de Iniciação científica) com temáticas relacionadas com a pandemia COVID-19. Essa ação está vinculada com meu projeto de pesquisa “guarda-chuva” cadastrado na Pró-reitoria de Pesquisa e Pós-graduação (PRPPG), conforme linha de pesquisa coordenada por mim “saúde-doença: prevenção, promoção e intervenção do Grupo de Pesquisa: Saúde, subjetividade e inclusão.

A ação social do acolhimento psicológico (ou teleatendimento psicológico pelas TIC's), na modalidade de aconselhamento psicológico no ambiente virtual é gratuita e contribui com a comunidade acadêmica que esteja necessitando de atendimento psicológico em relação a pandemia, tais como: mudanças da rotina, medos, angústia, ansiedade, preocupações, problemas de sono, enfermidades ocasionadas pela COVID-19 e o luto de familiares e amigos. Este trabalho objetivou analisar a experiência de ser coordenadora e supervisora, nas modalidades de acolhimento e aconselhamento psicológico, bem como identificar as demandas psicológicas do projeto Acolhimento psicológico à distância da comunidade acadêmica da UFRR.

Buscou-se como referencial teórico-metodológico para reflexões dos casos clínicos em supervisão as modalidades de acolhimento, aconselhamento psicológico e orientação (PATTERSON,

2003) com foco na experiência, na história de vida e no contexto assim como se apresenta na relação interpessoal ou intersubjetiva, de disponibilidade, proximidade, contato humano (através das TIC's), propondo as mesmas características de um encontro terapêutico presencial, uma escuta atenta, empática, agindo com sensibilidade e respeito recíproco. Também os estagiários colaboraram na manutenção dos canais de comunicação nas redes sociais e a confecção de três cartilhas, duas destas já foram publicadas pela Editora da UFRR, em novembro de 2020.

Para a realização do projeto de extensão “Acolhimento psicológico on-line à distância em situações durante e após pandemia do novo coronavírus (COVID-19)”, as possibilidades terapêuticas adotadas foram acolhimento psicológico e o aconselhamento psicológico (Patterson, 2003), na perspectiva fenomenológica existencial (Ales Bello, 2019; Espíndula, Goto, 2019; Espíndula, 2019), no intuito de minimizar o sofrimento, o estresse e preservar a saúde mental da comunidade acadêmica da UFRR diante do distanciamento e isolamento social imposto pela pandemia do COVID-19.

Para solicitar o atendimento, basta preencher uma ficha cadastral digital disponível na página do Curso de Psicologia da UFRR, solicitando os dados pessoais, o motivo da consulta terapêutica, a plataforma virtual de comunicação, como: Zoom, Meet ou Skype e identificação da classificação de cores (amarelo, verde e azul). Após triagem, a pessoa recebe o primeiro contato por telefone ou por e-mail para agendamento de atendimento psicológico on-line por meio de uma das Plataformas escolhidas.

Em relação aos aspectos éticos, para participar desse projeto de Extensão, como requisito obrigatório inicial, os psicólogos voluntários deveriam ter cadastro no e-Psi (sistema de controle do Conselho de profissionais habilitados), conforme consta na Resolução nº 04/2020, que regulamenta a prestação de serviços psicológicos e a necessidade de cumprimento do Código de ética Profissional ao realizar o atendimento psicológico pelas TIC's durante a pandemia COVID-19, possibilitando a atuação do psicólogo no formato remoto emergencial por meio da Tecnologia da Informação e da Comunicação (TICS) (CFP, 2020). Frente à crise sanitária provocada pela



COVID-19, a nova normativa suspende, de forma excepcional e temporária, alguns dispositivos da Resolução CFP nº 11/2018 que regulamenta a prestação de serviços psicológicos on-line, para flexibilizar esta forma de atendimento (CFP, 2020). Em setembro, foi iniciado também atendimento por quatro estagiárias do curso de psicologia, somente uma das estagiárias tem bolsa pela UFRR, seguimos as recomendações da Cartilha a respeito das “Práticas e Estágios remotos em Psicologia no contexto da pandemia da Covid-19”, publicada em no mês de setembro de 2020 pelo CFP (DIGIOVANNI et al., 2020).

Ainda em relação a ética é orientado para equipe de psicólogos e estagiárias solicitar assinatura do cliente no Contrato terapêutico de prestação de serviço pelas TIC's. É recomendado tanto para o cliente como para o psicólogo e estagiário, manter o sigilo, ambiente seguro, um espaço reservado, estar sozinho e de porta fechada na hora do atendimento.

O outro requisito para seleção de psicólogos e estagiários nesse projeto foi se inscrever e fazer o curso gratuito de atualização em Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19 realizado pela Escola de governo Fiocruz em parceria com o Centro de Estudos e Pesquisas em Emergências e Desastres (CEPEDES). Foram ofertados 16 módulos na modalidade EAD, com um encontro em ambiente virtual semanal, bem como realizar a leitura de diversas Cartilhas de orientações e recomendações em “Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia COVID-19”, produzidas pelo Ministério da Saúde, através da Fundação Oswaldo Cruz e Conselho Federal de Psicologia (MELO, 2020).

A supervisão acontece uma vez por semana em uma Plataforma virtual (Meet), em grupo também fazemos Reunião sobre avaliação do andamento do serviço e atualização das fichas de inscrição e prontuários digitais seguindo as Normas éticas do Conselho Federal de psicologia (CFP). É discutido em supervisão os procedimentos adotados nas consultas terapêuticas pelas TIC's, bem como a importância de considerar e refletir os aspectos éticos dos teleatendimentos por ambiente virtual, de acordo com a Resolução nº 04/2020 do CFP, que regulamenta a prestação de serviços psicológicos pelas TIC's.

A orientação é baseada na experiência vivida na relação interpessoal (estagiária de psicologia ou psicóloga - cliente) em ajudar a lidar com preocupações, tensões, alta ansiedade, estresse, conflitos, falta de um sentido de vida e ausência de um projeto de vida pelo cliente. A abertura e disponibilidade pelo cliente favorece trabalhar suas questões existenciais e aspectos psicossociais para que possa ter insights, ou seja, tomada de consciência de seus sentimentos e problemas enfrentados (PATTERSON, 2003). As modalidades terapêuticas foram realizadas com foco na relação interpessoal, como diz Binswanger “o encontro é estar com o outro em autêntica presença” (ESPÍNDULA, 2019, p.9).

Para discussão e análise de alguns casos clínicos relatados em supervisão pelas psicólogas voluntárias do projeto de Extensão Acolhimento psicológico on-line, adotou-se o seguinte procedimento: relatos de sessões e, posteriormente, a correlação com o referencial teórico-metodológico da psicologia fenomenológica existencial.

A maioria da população atendida pelo projeto de Extensão Acolhimento psicológico on-line da UFRR foram estudantes universitários, jovens e mulheres. Até o momento (meados de Novembro/2020) completa 6 meses da oferta do serviço gratuito à comunidade da UFRR. No total, 106 pessoas preencheram a ficha cadastral digital, dessas já foram chamadas para o atendimento psicológico 91 pessoas, incluindo os casos de desistência e abandono, tendo como principais demandas psicológicas da pandemia: medo, preocupação, estresse, insônia, dificuldade em lidar com a mudança de rotina, gerando sobrecarga, nervosismo, irritação, perda da motivação e projeto de vida, levando principalmente a uma crise de ansiedade e crise de depressão, durante a quarentena e distanciamento social. Também foi apresentado alguns jovens universitários com vulnerabilidade social, indicadores de risco, pensamentos suicidas, tentativas de suicídio, sintomas persistentes e transtorno mental anterior a entrada na Universidade. Nesses casos específicos, temos feito até 4 atendimentos psicológicos, tenho orientado em Supervisão as psicólogas e as estagiárias a indicar para o seu cliente buscar o atendimento especializado o mais rápido possível e nós acompanhamos esse processo. Tem sido feito pelo projeto Acolhimento uma lista de serviços de Saúde Mental de atendimentos especializados que estão em funcionamento em tempos da pandemia para facilitar a orientação e encaminhamento para o usuário.

Uma das propostas do projeto foi a elaboração de cartilhas pelas estagiárias com objetivo de apresentar orientações e recomendações no enfrentamento do novo coronavírus (COVID-19) para jovens adultos e idosos (ESPÍNDULA & COSTA, 2020; ESPÍNDULA & SALES, 2020). Tenho trabalhado essas produções técnicas na disciplina Aconselhamento psicológico do curso de Psicologia da UFRR, como também discutido o material em supervisão. Esses materiais se encontram disponíveis gratuitamente na página da Editora da UFRR. Toda equipe do Aconselhamento tem divulgado também nas redes sociais e contatos pelo WhatsApp. De acordo com os feedbacks das estagiárias, psicólogas da ação e dos alunos que leram o material relataram que na prática de intervenção é possível um trabalho educativo diante de uma circunstância real e de

emergência sanitária da população que necessita de atenção psicossocial, prevenção e promoção da saúde e saúde mental. Outros aspectos expressivos apresentado nas cartilhas foram a atenção de cuidado à saúde da população jovem adulta, a construção de conhecimento científico e a responsabilidade social.

Pode-se perceber os benefícios do atendimento psicológico em uma plataforma digital para os clientes não precisarem deslocar-se de suas casas para o serviço público e não correrem o risco de contrair o vírus, que atualmente, é considerada “pandemia do medo” ou “coronafobia” (ORNELL et al., 2020). Outro aspecto positivo foi a contribuição da formação profissional das estagiárias e psicólogas, com a oportunidade da atuação no formato remoto emergencial por meio da Tecnologia da Informação e da Comunicação (TICS). Foi feito o seguinte questionamento em supervisão com o grupo de estagiárias e psicólogas: como vocês têm percebido a experiência da consulta terapêutica na modalidade on-line? Em resposta, elas destacaram que é viável, gratificante e que funciona o atendimento psicológico por meio do uso de ambientes virtuais. Elas tiveram feedback positivo de seus clientes que o atendimento online têm sido um espaço acolhedor e possível diante da pandemia COVID-19, com as medidas restritivas da OMS de quarentena e isolamento domiciliar. Para as supervisionandas, em ambientes virtuais: Meet, Zoom e Whatsapp, tor-



naram-se um mecanismo eficaz de atuação ético-política com a preocupação na questão social.

Outro fator que se mostrou eficaz foi a interação com as estagiárias e psicólogas do serviço. Foi possível a troca de experiências mesmo em um ambiente virtual diante dessa situação dramática e permeada de desafios par todo nós e a humanidade vivenciando a pandemia do COVID-19 em isolamento domiciliar e distanciamento social de familiares e amigos, com filhos sem escola e sobrecarga de atividades principalmente para as mulheres. De acordo com o relato das psicólogas e estagiárias voluntárias em supervisão pela plataforma digital Meet, esse atendimento tem suscitado uma resposta positiva, tanto para população atendida, quanto para as psicólogas e as estagiárias. Trata-se de enfrentar a problemática apresentada em supervisão e buscarmos juntos com os supervisionandos conhecer quem é o ser humano que está diante de nós. Conhecer a sua história de vida e estratégias de como podemos auxiliar na reorganização e criatividade diante das mudanças impostas pela realidade, bem como que tipo de recursos internos (otimismo, determinação, fé e esperança) e externos (apoio da família, amigos e vizinhos) o cliente tem. Abaixo, temos alguns relatos de atendimento psicológico com nome fictício de pedra preciosa:

1) Pérola (Nome fictício) – 23 anos, Universitária, União estável e tem 1 filho pequeno. Na ficha cadastral apresentou-se sem ânimo, não consegue comer, profunda dor dentro de si, sem vontade de viver. Relata perda do pai recente e problema de relacionamento interpessoal com o companheiro. Ela expressou sentimento de profunda tristeza, melancolia por estar vivendo o luto pela perda do pai (Covid-19), problemas relações interpessoais e dificuldade financeira.

Foi trabalhado a temporalidade: eu, mundo e futuro (tríade cognitiva).

P: Como você se vê no mundo?

Cl: “Eu me vejo no “mundo” com uma pessoa pequena... Eu me vejo como uma pessoa forte, determinada, que tenta resolver as coisas, mas quando vejo que não vou conseguir desisto. (Silêncio).

P: E o futuro como você vê?

Cl: O “futuro” não tem... procuro viver o hoje”.

T: O que é viver o hoje?

Cl: “Morrer é melhor que viver”.

Foi trabalhado sua rede de apoio. Quem são as pessoas mais próximas da família e amigos?, como também os pensamentos negativos : “não tenho certeza de quem é o pai do meu filho, isso está me machucando muito e não consigo comer”, a construção desses pensamentos, sentimentos e crenças pessoais.

Em supervisão, foi proposto para psicóloga-conselheira, no decorrer dos 4 atendimentos realizados na modalidade do aconselhamento psicológico, estar atenta ao modo de relação interpessoal que se estabelece, ela pôde atender ao pedido de clarificação dos sentimentos negativos e elaboração das tensões, conflitos de relacionamentos interpessoais. Foi-se estabelecendo a relação de confiança e o modo como a cliente percebia sua problemática, para auxiliá-la nas diferentes possibilidades de continuidade do processo e que permite manter o serviço como referência, como um dos recursos possíveis de saúde mental de serem buscados no momento da pandemia.

Frente a complexidade do ser humano buscase uma articulação interdisciplinar nos diversos campus do saber, na psicologia humana e na filosofia (fenomenologia antropológica de Husserl e Stein), que possibilitam uma relação dialógica possível, na intenção de juntar os saberes, no sentido de fortalecer sempre mais cada área do conhecimento em prol do ser humano e da sociedade (ESPÍNDULA, 2019).



2) Diamante (nome fictício), 22 anos, solteira, na ficha pergunta: os motivos que precisa de atendimento. Como vem se sentindo ultimamente? Ela respondeu: muita tensão, aumento da ansiedade, insônia, estresse, pensamentos negativos, desmotivação em fazer as coisas, como trabalho e universidade e dificuldade pra continuar respirando.

Em supervisão foi buscado a psicóloga minimizar o sofrimento e a ansiedade da cliente. Ela relata que foi abusada quando criança, sofreu violência doméstica mais de uma vez. Alguns anos atrás passou por outra agressão que marcou sua vida e que vem buscando sentido de vida para continuar viva. Foi trabalhado o valor da vida e buscar encontrar sentido de vida e força vital para conseguir superar e seguir em frente. O que a cliente relata demonstra sentimentos forte para si.

Através da empatia, o Conselheiro pôde imaginar como o outro sente como um alter-ego antes de qualquer pensamento, justamente por causa da estrutura universal do ser humano (Stein, 2000). Para compreendê-la melhor foi proposto para Conselheiro fazer perguntas sobre alguns aspectos da sua história de vida, temporalidade (como se relaciona e percebe o presente, passado e futuro). Foram propostas algumas questões durante a supervisão, a saber: como se vê no mundo da vida? Como se vê na relação com o outro? Como ajudar o outro a lidar com seus recursos e limites?

Através da atitude empática entre a psicóloga e a cliente, favoreceu-se abertura à experiência e capacidade de sintonia, permitindo perceber imediatamente a presença do outro, reconhecendo o cliente, por meio da intuição.

3) Rubi (Nome fictício) 19 anos, relata na entrevista inicial, que está irritado, cansado, com raiva e pensamentos suicidas. Relatou bullying por familiares e colegas por não aceitação da sua homossexualidade. Ele diz: “sinto muita raiva, ninguém liga para mim...” “Sinto muita dor no corpo...” “...Tentei me cortar com uma faca após uma aula e a faca não cortou”.

Ele mostrou crise de identidade vivida durante a adolescência, normal nessa faixa etária vivida por todos os adolescentes. É momento de buscar a identidade profissional, sexual e ideológica. Foi orientado trabalhar com o cliente a



confiança na relação interpessoal, buscando sua rede de apoio, foi indicado buscar fazer contato em tempos da pandemia por telefone ou vídeo-conferência com pessoas significativas que lhe faziam bem. Buscou-se conhecer quais recursos o cliente vem buscando para lidar com sua raiva e seus conflitos.

Foi indicado em supervisão seguir as orientações e recomendações de cartilhas sobre saúde mental e atenção psicossocial feita pelos pesquisadores colaboradores da CEPEDS da Fiocruz (MELO et al., 2020) e nosso material disponível (ESPÍNDULA E COSTA, 2020) que aconselham manter o contato digital com rede de amigos, familiares e conhecidos, diante das orientações pelo Ministério da saúde, manter o distanciamento físico e isolamento social para conter o surto. É comum, em situação de crise, algumas pessoas necessitem de maior suporte psicossocial, considerando que as reações dependem de fatores como: vivências anteriores de situações de crise, rede de apoio e auxílio que a pessoa recebeu durante a vida, o estado de saúde física, histórico pessoal e familiar de problemas de saúde mental, cultura, contexto socioeconômico, gênero, valores pessoais e crenças religiosas.

As análises steinianas permitem ainda a descrição de várias possibilidades de vivências autênticas e vários tipos de personalidades que podem ser apreendidos como autênticos, a partir de uma análise que leve em conta o núcleo pessoal, a maneira como as vivências da corporeidade são



mobilizadas, bem como o contexto sociocultural no qual a pessoa está inserida (COELHO JÚNIOR & BARREIRA, 2019).

Atualmente a sociedade moderna vive uma das suas maiores crises da história, que afeta a saúde, a economia, as relações afetivas, sociais e o modo de vida de milhões de pessoas e famílias. Este projeto está em andamento e pretendi seguir em 2021 com os atendimentos gratuitos e em ambiente virtual para comunidade dos três campi da UFRR, enquanto continuar a pandemia do Covid-19 e contribuindo com a formação profissional do acadêmico através das TIC's. Trata-se de um desafio, pois nesse contexto que estamos vivendo, foi preciso nos adaptarmos ao imprevisto que irrompeu em nossa vida diária, como um "Tsunami", impondo uma mudança muito rápida em nossas atitudes, estilo de vida e rotina, envolvendo trabalho, estudo, relacionamento e pais com filhos sem escola, gerando uma sobrecarga aos pais e responsáveis.

O acolhimento psicológico teve como foco abrir espaço para uma escuta acolhedora, empática e humanizada, sem julgamentos das pessoas com dificuldades em lidar com a situação, infectados pela Covid-19, a convivência maior com seus familiares e os profissionais da saúde na linha de frente. Busca-se em supervisão a compreensão de si, dos aspectos psicossociais e de suas questões existenciais, além do seu processo de formação, desejando continuar ampliando seu horizonte humano.

REFERÊNCIAS

BARROS, M. B. et al. Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19, Brasília, jul 2020. Disponível em: <<https://www.scielo.org/article/ress/2020.v29n4/e2020427/>>. Acesso em: 14 set. 2020.

COELHO JÚNIOR, A. G.; BARREIRA, C. R. Relação entre autenticidade e corporeidade à luz de Edith Stein. In: ESPÍNDULA, J. A. G. (Org.) Psicologia fenomenológica e saúde: teoria e pesquisa. Editora UFRR, 2019 <http://ufr.br/editora/index.php/editais?download=414>

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. Resolução Nº 4, de 26 de março de 2020. Dispõe sobre regulamentação de serviços psicológicos prestados por meio de Tecnologia da Informação e da Comunicação durante a pandemia do COVID-19.

DIGIOVANNI, A. M. P. et al. Práticas e Estágios remotos em Psicologia no contexto da pandemia da Covid-19, 2020. Disponível em: <https://site.cfp.org.br/publicacao/praticas-e-estagios-remotos-em-psicologia-no-contexto-da-pandemia-da-covid-19-recomendacoes/>

ESPÍNDULA, J. A. G. (Org.) Psicologia fenomenológica e saúde: teoria e pesquisa. Editora UFRR, 2019 <http://ufr.br/editora/index.php/editais?download=414>

ESPÍNDULA, J. A. G.; GOTO, T. A. Algumas reflexões sobre a fenomenologia e o método fenomenológico nas pesquisas em psicologia. In: Espíndula, J. A. G. (Org.) Psicologia fenomenológica e saúde: teoria e pesquisa. Editora UFRR, 2019 <http://ufr.br/editora/index.php/editais?download=414>

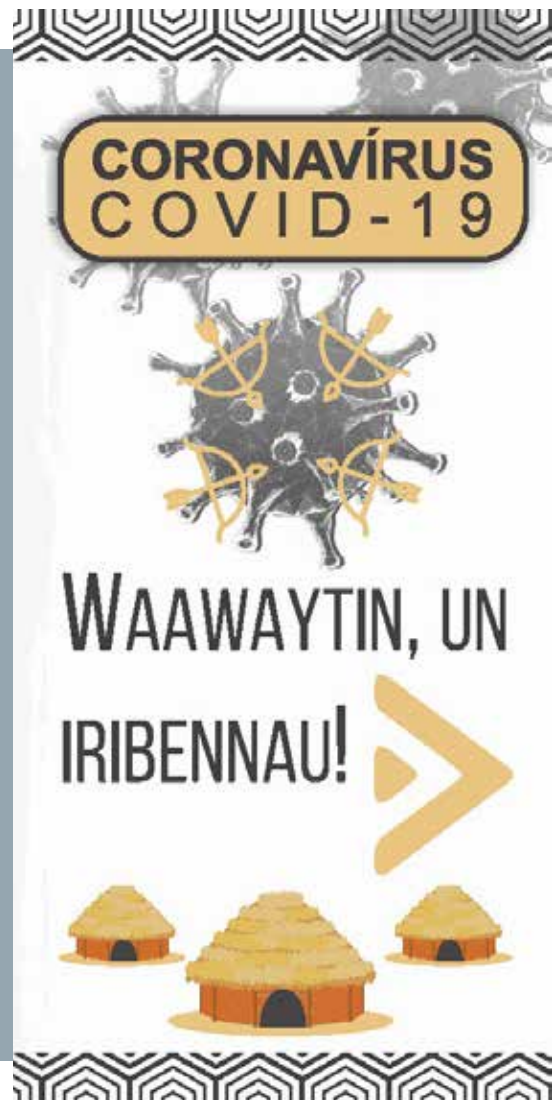
ESPÍNDULA, A. G., COSTA, R. C. M. Cartilha: O idoso e a Covid-19: Cuidados e ações de enfrentamento [recurso eletrônico]. Editora UFRR, 2020. Disponível em: <https://ufr.br/editora/index.php/editais?download=464>

ESPÍNDULA, A. G., SALES, P. F. S. DE. Cartilha: Jovens adultos e Atenção psicossocial no enfrentamento da Covid-19 [recurso eletrônico]. Editora UFRR, 2020. Disponível em: <https://ufr.br/editora/index.php/editais?download=463>

MELO, B. D. et al. Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia Covid-19: recomendações aos Psicólogos para o Atendimento Online, 2020. Disponível em: <https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/04/Sa%C3%BAde-e-Mental-e-Aten%C3%A7%C3%A3o-Psicossocial-na-Pandemia-Covid-19-recomenda%C3%A7%C3%B5es-aos- psic%C3%B3logos-para-o-atendimento-online-1.pdf>

PATTERSON, Lewis E. O processo de Aconselhamento. Martins Fontes Editora Ltda, 3ed. São Paulo, 2003.

DIVULGAÇÃO E TRADUÇÃO PARA LÍNGUAS INDÍGENAS DE INFORMAÇÕES SOBRE O NOVO CORONAVÍRUS EM RORAIMA



Universidade Federal de Roraima - UFRR

Ananda Machado – Professora Doutora do Curso de Gestão Territorial Indígena/Instituto Insikiran; do Programa de Pós-Graduação em Letras (UFRR) e do Mestrado Profissional em Ensino de História (UFRR); Coordenadora do Programa de Valorização das Línguas e Culturas Macuxi e Wapichana/UFRR.

Roberta Martins Nogueira – Professora Doutora da Universidade Federal de Mato Grosso e membro da Academia Sinopense de Ciências e Letras.

Fabiola Almeida de Carvalho – Professora Doutora do Curso Licenciatura Intercultural/Instituto Insikiran; Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde e Coordenadora do PET Intercultural/UFRR.

Roni Petterson M. Pacheco – Professor Doutor do Curso de Comunicação Social (UFRR); Coordenador de Comunicação (CoordCom/UFRR).

Joceline Neide de Araújo Veras - Acadêmica do Curso de Gestão Territorial Indígena/Instituto Insikiran/UFRR. Atuou como bolsista do Projeto de Extensão “Divulgação de informações sobre o coronavírus nas línguas indígenas em Roraima”.

A pandemia do novo coronavírus que se iniciou na China, chegou ao nosso país no início de 2020, trazendo grandes desafios a toda a população brasileira. O desconhecimento sobre a doença ainda desafia a comunidade científica que trabalha intensamente para o desenvolvimento de tratamentos e de vacinas que permitam sua prevenção. Enquanto isso, a divulgação de orientações para a prevenção da doença tornou-se uma das maiores armas de proteção à vida. Porém, o acesso às informações divulgadas ainda apresenta muitos desafios, principalmente quando se considera as dimensões continentais do nosso país, que abriga, em seu território, inúmeros povos indígenas, com línguas e culturas próprias, que devem ser consideradas para que a divulgação das informações ocorra de forma eficaz.

O momento sensível que vivemos pela ameaça do coronavírus, mostrou-nos o quanto o ser humano está fragilizado e os povos indígenas, pela sua natureza, estão em nível de vulnerabi-

lidade ainda maior. O Brasil possui 274 línguas indígenas distintas e dentre a população indígena com mais de 50 anos, 97,3% não falam português dentro de suas terras (IBGE, 2010). Aqueles que não compreendem o português acabam por ficar à margem do conhecimento e este fato, durante a pandemia, pode lhe custar a vida. Há o agravante da maior letalidade da doença dar-se na população idosa, logo informar sobre a prevenção aos idosos é ponto fundamental na luta contra o vírus.

Na Universidade Federal de Roraima (UFRR), 13% de seus alunos são indígenas, oriundos de várias etnias e é fundamental a instituição estruturar mecanismos para se comunicar com todos eles e com suas comunidades. Os povos indígenas, que não entendem o português, precisam e têm o direito de atendimento em suas línguas.

Diante dos impactos e da necessidade de enfrentamento à COVID-19, no contexto das populações indígenas em Roraima, surgiu a necessidade de produção de tecnologias específicas para essas populações visando a divulgação de informações sobre o coronavírus nas línguas indígenas locais. Nesse contexto, houve articulação com as organizações indígenas, bem como com outras instituições brasileiras.

A UFRR com sua relevante inserção regional junto às comunidades indígenas investiu em diversas frentes de atuação para a divulgação de informações, como: a produção de vídeos, livros e folhetos, que foram divulgados em diversos meios de comunicação. Os vídeos foram gravados nas línguas: Macuxi, Taurepang, Pemom, Wapichana, Wai wai, Yanomami e Ye'kwana. Ao mesmo tempo em que buscou-se aumentar o interesse das pessoas pelas línguas indígenas, o principal objetivo dos vídeos foi o de reduzir a curva de propagação de casos do novo coronavírus entre essa população. O material foi veiculado pela TV Universitária (TVU), canal 2.1, bem como pelas redes sociais da UFRR. Destaca-se a divulgação pelo canal da UFRR no Youtube, que alcançou grande número de visualizações pelo compartilhamento do link pela população.

Os participantes dos vídeos são integrantes do Conselho Indígena de Roraima (CIR), Hutukara, Seeduume, Organização dos Indígenas da Cidade (ODIC) e Organização dos Professores Indígenas de Roraima (OPIRR), entre outras organizações, que têm suas sedes em Boa Vista. Eles traduziram as seguintes informações de prevenção à doença, que foram publicadas no site da UFRR, no dia 15

de abril de 2020:

O Coronavírus causa infecção respiratória, febre alta, tosse forte, dores e dificuldades para respirar. Para evitar o contágio com esse vírus deve-se: lavar as mãos com água e sabão ou usar álcool em gel; cobrir o nariz e a boca ao espirrar ou tossir; ficar a mais de 2 metros das outras pessoas; manter os ambientes bem ventilados; não compartilhar objetos pessoais.

As imagens divulgadas foram feitas pelas próprias lideranças com seus celulares. A edição, masterização e legenda foram realizadas na Rádio e TV Universitária da UFRR. Além da página da Universidade, as informações foram disponibilizadas no site jornalístico Roraima 1, onde os vídeos da ação viralizaram na internet. A informação foi publicada ainda no jornal on-line Correio do Lavrado e no portal da Folha de Boa Vista.

Em 16 de abril, as páginas do CIR e Observatório dos Direitos Indígenas divulgaram texto jornalístico sobre os vídeos em língua indígena. O projeto chegou a ter repercussão nacional, com a divulgação da iniciativa no Portal da Amazônia e no site da TV Canção Nova de São Paulo.

A produção de vídeos abriu ainda a possibilidade de colocar as línguas indígenas como protagonistas sociais, contribuindo para reconhecimento delas, para ampla divulgação e autoestima dos falantes. Nesse sentido, as línguas indígenas continuam vivas e atuais, abrindo novos espaços para a socialização da cultura dos povos tradicionais. Portanto, as notícias referentes à pandemia ganham valor social e consistem em uma forma de representatividade.

Com parceria estabelecida com a Universidade Federal do Mato Grosso (UFMT), por iniciativa e convite da coordenação do PET Intercultural/UFRR, equipes traduziram o livro “Coronavírus”, da coleção Pequenos Cientistas, para os seguintes idiomas: Macuxi, Wai Wai, Wapichana e Ingarikó. A parceria envolveu professores, editoras e bolsistas do PET Intercultural e de Extensão, assim como voluntários egressos do Instituto Insikiran/UFRR. Os livros estão sendo divulgados nas redes sociais, utilizados como material didático no Tema Contextual “Saúde e Qualidade de Vida” do curso Licenciatura Intercultural e no curso EAD “Mynapu: Preparatório para o Concurso de Professores Indígenas” (Parceria Programa de Valorização das Línguas e Culturas Indígenas em Roraima), PRAE-UFRR e Universidade Virtual de Roraima (UNIVIRR).

A bolsista de extensão Joceline Veras expressou na língua Wapichana o significado de ter colaborado na tradução do livro Coronavírus:

Dii ungary tykky unkunaykian untumam kay-dinkizei, mix manawyn diura kaydinkiz yryy manawyn wachikpan sariap ipei wakazanaatan diribe'u kakypayzannau. (Eu tive o privilégio de fazer este trabalho como uma indígena da etnia Wapichana. Foi um projeto muito importante para todos nessa caminhada de como se cuidar e salvar muitas vidas).

Ela pontuou que foi uma experiência que nunca tinha acontecido antes e reconheceu ter sido um avanço para os povos indígenas de Roraima.

Com o bolsista Raulinho Wai Wai realizamos pesquisa sobre as doenças respiratórias: Epera Komo Yosotí Ciiso Wai Wai Yaro. Ahce Mikro Ewnaxku? Kesésitopo Yahruñe? Kísoso Yiwírîmañe? Kesésitopo Yiwírîmañe? Kamxuko Tîkporem? Ahce Mikro Marari? (O que é gripe, pneumonia, tuberculose, asma, diabetes, malária?). Ahcewa Kiira (sintomas). Ahcewa ceperame anarî tooto (Como outra pessoa é infectada?). Cabe destacar ainda as questões sociais de grande relevância que esta pandemia suscitou, como a luta do povo Wai Wai pelo direito de enterrar seus mortos pela COVID-19 em seu território, o que é de extrema importância para eles. Assim, a oportunidade de discutir tais questões no ambiente acadêmico oportuniza a formação de profissionais muito mais engajados nas questões locais em que estão inseridos, papel fundamental da presença das universidades no território brasileiro.

Em outra parceria, agora com o CIR, foram elaborados folders para divulgar nas comunidades uma série de informações sobre COVID-19 também nas línguas indígenas. O material foi distribuído em formato impresso nas comunidades, bem como em formato digital.



Página do livro com tradução Wai Wai

A partir destas experiências concluímos que o projeto superou as expectativas, abrindo espaço de colaboração da UFRR com o movimento em defesa da vida indígena, bem como da garantia da sobrevivência de suas línguas e culturas. A tradução de vídeos já publicados para línguas indígenas por meio de dublagem ou legendagem de filmes tornou-se realidade e tanto a oralidade nos materiais audiovisuais e a escrita, são importantes recursos de memória na produção de novos documentos em mídia, contribuindo para o futuro das próximas gerações.

Ailton Krenak lembra em entrevista que “não é a primeira vez que profetizam nosso fim”. Mas afirma que “talvez na História recente do Brasil o povo indígena não tenha sofrido um ataque tão sistemático como está acontecendo neste período, com este governo. Porque tem declarações dos agentes públicos que incentivam a violência contra a pessoa indígena”. Em nossas ações, enquanto instituição pública, trabalhamos contra esse tipo de violência.

O autor comentou que vem participando de um movimento de “demarcação das telas pelos indígenas”. Mesmo com as dificuldades de acesso por estarem nas Terras Indígenas, há mobilização virtual contra o Marco Temporal e outras agressões sofridas. Nossa mobilização contra o contágio também é um exemplo dessa demarcação das telas.

Ainda na entrevista de 17 de fevereiro de 2020 Krenak continua dizendo que vê os jovens falando dos ancestrais e lembra que “não é uma mitologia. Eles (os jovens) são uma continuação da relação com nossos antepassados, com as tecnologias e os conhecimentos deles para a gente viver melhor hoje”. Além de terem sobrevivido a holocaustos, morte, saque e exploração de corpos e territórios, os povos indígenas ainda conseguem comunicação com seres e mundos que muitos negam a existência. Negociam para além do humano em territórios nos quais as plantas, os animais são sujeitos, conhecem de modo aprofundado seus poderes patogênicos e de cura. Os pajés indígenas sabem equilibrar essas relações para não se tornarem doenças. E para eles a floresta é fundamental neste equilíbrio, para a continuidade da saúde e da vida.

NA'APAM AWAYTINKERY?

AWAYTINKINHAI RINHEI SYBYRYDIN
(COVID-19) AI:



KA'I CHIKEAKAU ATII ANUBAI DI'IT,
WYN NA'IK CHIKERIBEI ID AIZII
AIZII KID,UU NINUAN WYRYRY
ÁLCOOL MAIWI'URAZ ID 70%.

UXUAN UU ACHUAN DUN DUN, AWAYTA
PIDIBE NA'IK PYDAKU KAMICHI ID UU
PIANUBA ID NA'IK AJUNAA PINIKE'ANAA
PUWANHYKYNYY PYKA'Y DIA'AN.



AUNAA PUPIXTA'ANAA PIAWYN,
PIIDIBE NA'IK PYDAKU PYKA'Y
KANIRIBE'U ID.

PYTAPA AMAZADA
AWARYTINHAP .



AUNAA KUDICHA'ANAA WIIZEI IK,
KUDICHAN DUN WIIZEI IK KAIWEA
IDIBEI KAMICHA IDIBEI TARANAA.



Folheto na língua wapichana

Ailton Krenak considera que “a humanidade e o mundo pode descansar e se curar”. Mas como desapegar de determinados hábitos que contribuem para o desequilíbrio que vivemos hoje? Algumas experiências indígenas tornam-se exemplares e apontam caminhos possíveis. Corroborando os resultados obtidos com estas ações, assumimos como referência o que citou Ailton Krenak, quando ele lembra que “o equilíbrio cotidiano e as ocupações diárias e de rotina é que ajudarão a humanidade, especialmente as que estão em permanente alvo de ataque, a sobreviverem”. Ele lembra ainda que resistir “significa, no nosso cotidiano, fazermos o que sabemos fazer, na nossa melhor maneira e de forma satisfatória para nossas famílias” (Entrevista com Ailton Krenak, 2020). Essas relações apontam para formas de construir um futuro possível. Esse é o papel da Extensão Universitária, contribuindo com a manutenção da vida e a melhoria da qualidade de vida na sociedade em que se insere.

REFERÊNCIAS

COLEÇÃO PEQUENOS CIENTISTAS. Notícias sobre a tradução Macuxi: <https://www.ufmt.br/noticias/livro-infantil-coronavirus-ganha-versao-no-idioma-macuxi-1594990533>; <https://g1.globo.com/mt/mato-grosso/noticia/2020/07/19/livro-infantil-coronavirus-ganha-versao-no-idioma-indigena-macuxi.ghtml>

CONSELHO INDÍGENA DE RORAIMA. Disponível em <<http://cir.org.br/2020/04/16/videos-em-linguas-indigenas-orientam-sobre-sintomas-e-prevencao-da-covid-19/>>. Acesso em 12/05/2020.

CORREIO DO LAVRADO. Disponível em <<https://correiodolavrado.com.br/2020/04/15/videos-em-linguas-indigenas-orientam-como-combater-o-coronavirus/>>. Acesso em 12/05/2020.

KRENAK, Ailton. Entrevista publicada no dia 17 de fevereiro de 2020 pela Amazônia Real. Disponível em <<https://conexaoplaneta.com.br/blog/nao-e-a-primeira-vez-que-profetizam-nosso-fim-enterramos-todos-os-profetis-diz-o-lider-indigena-ailton-krenak/>>acesso em 17/05/2020.

ENTREVISTA COM AILTON KRENAK PUBLICADA NO DIA 17 DE FEVEREIRO DE 2020 PELA AMAZÔNIA REAL. Disponível em <<https://conexaoplaneta.com.br/blog/nao-e-a-primeira-vez-que-profetizam-nosso-fim-enterramos-todos-os-profetis-diz-o-lider-indigena-ailton-krenak/>>acesso em 17/05/2020.

FOLHA DE BOA VISTA. Disponível em <<https://folhabv.com.br/noticia/CIDADES/Capital/Indigenas-recebem-orientacoes-sobre-Covid-19-em-seus-idiomas-/64900>>. Acesso em 12/05/2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE ESTATÍSTICA (IBGE), 2010. CENSO 2010. Disponível em <https://www.google.com.br/?client=safari&channel=iphone_bm> acesso em 12/01/2020.

OBSERVATÓRIO DOS DIREITOS INDÍGENAS. Disponível em <<http://obind.eco.br/2020/04/16/cir-videos-em-linguas-indigenas-orientam-sobre-sintomas-e-prevencao-da-covid-19/>>. Acesso em 12/05/2020.

PORTAL DA AMAZÔNIA. Disponível em <<https://portalamazonia.com/noticias/saude/indigenas-de-roraima-informam-sobre-sintomas-e-formas-de-evitar-a-covid-19-em-suas-proprias-linguas-veja-videos>>. Acesso em 12/05/2020.

RORAIMA 1. Disponível em <<https://www.roraima1.com.br/2020/04/15/ufr-divulga-videos-em-linguas-indigenas-para-informar-comunidades-sobre-sintomas-e-formas-de-evitar-covid-19/>>. Acesso em 12/05/2020.

TV CANÇÃO NOVA. Disponível em <<https://noticias.cancaonova.com/mundo/pandemia-coronavirus/universidade-oferece-orientacao-no-combate-pandemia-aos-indios/>>



A PROMOÇÃO DA ACESSIBILIDADE À COMUNIDADE SURDA MIGRANTE EM TEMPOS DE PANDEMIA

Curso de Bacharelado em Letras/Libras da UFRR

Thaisy Bentes - Professora Mestre
Adriana Helena de Oliveira Albano - Professora Doutora
Beatriz Teófilo - Graduanda
Derly Rodrigues Ferreira - Graduando
Clara Maria Damasceno - Graduanda
Ana Paula Damasceno - Graduanda
Gleydistone Azevedo - Graduando

Com a pandemia do COVID-19 a necessidade de mais informação acerca da doença, sintomas, contágio, vias de transmissão, letalidade, tratamentos, assim como medidas restritivas e de higiene se tornaram imprescindíveis e urgentes. Além disso, o processo para recebimento do auxílio emergencial, assim como a documentação para obtê-lo, e a ajuda humanitária oferecida durante a pandemia, apresentaram um cenário de demandas complexo e crescente. Diante desse panorama, preocupados com esses sujeitos que, de certa forma, já são marginalizados por não terem acesso aos serviços básicos, elaboramos o projeto “Rede de colaboradores: acessibilidade à comunidade surda em tempos de pandemia”, em parceria com a Pastoral do Surdo e a Associação de Surdos de Roraima, com o objetivo de oferecer acessibilidade comunicacional para as comunidades surdas de Boa Vista-RR: a comunidade surda brasileira usuária da Língua Brasileira de Sinais (Libras) e a comunidade surda migrante – usuária da Língua de Sinais Venezuelana (LSV).

Os primeiros atendimentos foram todos realizados à distância, de forma virtual, em diversos locais e contextos demandados pelas próprias comunidades: desde o repasse de informações a respeito da chave do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS), interpretação para acesso ao “Projeto família que acolhe”, da Prefeitura de Boa Vista, até o encaminhamento ao Sistema Único de Saúde (SUS).

Diante da crescente necessidade e procura de tradução e interpretação por parte dessas comunidades, principalmente da comunidade migrante, o projeto ampliou sua atuação a medida em que, ao não “fechar” seu âmbito, agiu no sentido de tentar atender famílias em situação de alta vulnerabilidade. Nesse caminho, alianças foram feitas para que os serviços chegassem com maior rapidez e eficácia: auxílio das Pastorais Sociais (do Surdo, Universitária, da Família e do Migrante), do Posto de Triagem (PTRIG), do Serviço Jesuíta para Migrantes e Refugiados (SJMR), da ONG Visão Mundial, entre outros. Perante a expansão do projeto foi necessário criar o Programa de Extensão (Migrantes Surdos) MiSordo: programa interinstitucional de apoio a migrantes e refugiados surdos no Brasil.

Destarte, apresentaremos o perfil das comunidades atendidas e as atividades desenvolvidas até o momento. Finalizamos considerando o desdobramento do projeto em Programa de Extensão e a importância dessa articulação para a consolidação de um campo novo e emergente dentro dos Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais: a tradução e interpretação de Língua de Sinais (LS) em contexto de migração e refúgio.

Roraima é um estado conhecido pela diversidade. Diversidade étnica, cultural e principalmente, linguística. Comunidades indígenas, comunidades surdas e outras fazem da região um encontro de diferentes identidades e, atualmente, a comunidade de pessoas em situação de migração e refúgio. Com a intensificação do fluxo migratório para o estado, essa população, desde o acirramento da crise na Venezuela a partir de 2015, passou a viver, principalmente, na capital Boa Vista. Dessa forma, podemos afirmar que um grupo expressivo de surdos venezuelanos também chegaram e chegam todos os dias ao Brasil, trazendo sua língua e sua cultura.

O projeto veio ao encontro dessa demanda praticamente “invisível” ao cenário das políticas públicas e até mesmo das migratórias, uma vez que essas têm recebido considerável ajuda humanitária, tanto nacional como internacional, mas pouco ou quase nada tem chegado aos surdos.

Nesse ínterim, tem ocorrido a interface com diversos modos de trabalho com a língua, muitas delas inéditas, como por exemplo, o estatuto da LSV como língua de fronteira e de migração (ARAÚJO e BENTES, 2018, BENTES e ARAÚJO, 2020; BENTES et al, 2020) e ainda como língua de herança (QUADROS, 2017), além da Libras como língua de acolhimento e língua franca. Podemos dizer também do pioneirismo da interpretação e tradução comunitária em contexto de refúgio e migração e da tradução e interpretação intramodal entre LSV-Libras e a possibilidade de a LSV figurar entrar no currículo da formação de futuros tradutores e intérpretes da UFRR.

Destarte, passemos a metodologia de trabalho da Rede.

A metodologia utilizada pelo projeto constituiu-se por meio da criação de uma rede de serviços de tradução e interpretação de língua de sinais para a comunidade surda residente no estado e no estímulo à prática de interpretação da Libras/português, da LSV/português ou ainda Libras/LSV e Libras/espanhol pelas pessoas envolvidas. A equipe executora do trabalho foi formada por bolsistas do curso Letras, com habilitação em Libras, e colaboradores internos e externos à UFRR.

Em relação à organização metodológica dos atendimentos, houve diversas mudanças desde sua concepção. Primeiramente, foi disponibilizado um número para o recebimento das demandas e encaminhamento para os demais bolsistas e colaboradores. Contudo, a demanda aumentou e apenas uma pessoa não conseguia delegar aos demais as tarefas. Passou-se, então, a trabalhar com todos os bolsistas e colaboradores divididos por áreas (documentação, interpretação na área de saúde, cadastro e encaminhamento à assistência social e cursos de Línguas de sinais) nos atendimentos. Posteriormente, já com o formato de Programa, novos membros passaram a integrá-lo e novos projetos foram criados, agregando agilidade e celeridade aos atendimentos e encaminhamentos.

As reuniões de equipe foram promovidas com o objetivo de trocar experiências e realizar a es-



Ações de cadastrado nos projetos parceiros e retirada de documentos

cuta e o estímulo nesse espaço novo de estudo. Além disso, capacitações e formação sobre o manuseio e utilização de documentação de migração foram promovidas para os bolsistas e colaboradores. Em relação às dificuldades apresentadas pela equipe, tem-se a questão da internet, pois 99% das ações são realizadas remotamente. Outra dificuldade que, na verdade se tornou um desafio promissor, estiveram relacionadas às várias línguas em contato e o pouco conhecimento sobre o tema migração.

Os bolsistas, além de realizarem serviços de tradução e interpretação em Libras, aprenderam a trabalhar com questões administrativas, como por exemplo, o levantamento de dados para cadastro, o que necessitou muito tempo e empenho, pois, muitas vezes, os surdos migrantes não possuíam celular: um celular era, com frequência, de uso coletivo. O contato com a comunidade migrante possibilitou também a aprendizagem da LSV e do espanhol escrito, como veremos nas linhas seguintes.

A Rede tem o objetivo de atender duas comunidades surdas: a brasileira e a venezuelana, porém, a maior procura pelos serviços são de migrantes venezuelanos. Os surdos brasileiros atendidos em sua maioria são mulheres. A maioria recebe benefício federal e/ou trabalha em super-

mercados. Para este público, o apoio linguístico é realizado por meio de informações em relação à saúde e justiça e também alguma ajuda social, como doação de cestas básicas e kits de higiene.

A comunidade surda migrante atendida está em número bastante expressivo. Até o momento, temos cerca de duzentas pessoas cadastradas (surdos e ouvintes), quarenta e cinco (45) são homens surdos, cinquenta (50) mulheres surdas (uma grávida e duas puérperas), quatro (04) crianças surdas. Totalizando trinta e quatro (34) famílias de surdos migrantes cadastradas no projeto.

Alguns recebem apoio do Governo Federal através do programa Bolsa Família e Auxílio Emergencial, a maioria não possui conta bancária, celular ou acesso à internet. Todos habitam casas alugadas, muitos moram com familiares em grupos de dez até quinze pessoas em uma mesma residência. A maioria tem como primeira língua a LSV e o espanhol na modalidade escrita. Quanto à aquisição da Libras, não se tem, até o momento, a informação sobre aquisição e fluência.

A Rede, em parceria com diversas instituições que trabalham diretamente com serviços a migrantes, realizou diversos atendimentos desde maio. Os serviços estão divididos em traduções e interpretações, acolhimento, encaminhamento e escuta sensível. Nas traduções, realizamos serviços como tradução e produção de currículo para encaminhamento às empresas, tradução de receitas médicas e bulas de remédios, tradução de documentos em geral.

No início do projeto, realizamos o trabalho de “fazer” as carteiras de trabalho digital e CPF, posteriormente, em parceria com a Cáritas e SPM, os documentos passaram a ser feitos nesses espaços com a mediação de uma intérprete da equipe. Também trabalhou-se no sentido de resolver problemas de login e senha do site INSS, na obtenção do auxílio emergencial, entre outras pequenas situações que, para os migrantes, são dificultosas pelo fato de não dominarem o português escrito.

Realizamos vários encaminhamentos a projetos de parceiros: sessenta (60) surdos para o exame de audiometria, vinte (40) para emissão de laudo médico, trinta e oito (38) para passe livre, dez (10) para atendimento no INSS em ações em parceria com a PU junto ao PTRIG. Outras: mediação e entrega de mais de cem (100) cestas básicas, álcool 70%, cartões alimentação, ações

possíveis pela parceria do PU, SJMR e SPM. Todas essas ações foram mediadas por intérpretes para realizar o cadastro e a entrega.

Nas interpretações, a Rede contribuiu com o projeto para grávidas promovido pela SPM (presencial). Com vídeos sobre COVID-19 do projeto do Curso de Medicina (remoto), realizamos interpretação de entrevistas de emprego (remoto e presencialmente), interpretação de lives sobre migração e políticas linguísticas, interpretações para cadastro de projetos e benefícios na Cáritas, no Centro de Assistência Social-CRAS e em outros locais públicos. Também recebemos solicitações como: ajuda para matricular os filhos na escola, ajuda para o contato com o chefe de trabalho, consultas médicas, dentre outras.

A ONG Visão Mundial, ao assistir uma das matérias sobre o projeto na TV, entrou em contato para ofertar o curso de português como língua de acolhimento, contudo percebemos que antes de aprender o português escrito, os migrantes precisavam aprender a Libras. Assim, em parceria, realizamos o cadastro para as duas turmas. O curso de Libras como língua de acolhimento tem sido um projeto pioneiro no Brasil.



Ações de cadastrado nos projetos parceiros e retirada de documentos

Como mostrado nas linhas acima, o projeto rede de colaboradores corrobora a importância da interseccionalidade entre ensino, pesquisa e extensão. Apresentamos neste trabalho, as contribuições do projeto para os acadêmicos e para as comunidades surdas, principalmente, a comunidade surda migrante e refugiada. Além de tudo que foi realizado, houve a consolidação de um campo de estudo emergente: a tradução e interpretação de línguas de sinais em contexto de migração e refúgio.

Os bolsistas colaboraram, de forma imprescindível, para que as atividades acontecessem e pudéssemos levar oportunidades e soluções para surdos que antes não recebiam nenhum tipo de apoio e eram invisíveis no cenário da migração. Puderam também vivenciar o contato direto com surdos em vulnerabilidade social e com projetos sociais específicos para migrantes. Outro ponto muito importante no processo de aprendizagem com a extensão foi a possibilidade de contato com surdos estrangeiros e outras línguas: a LSV e o espanhol.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, P. J. P.; BENTES, T. Contatos linguísticos e bilinguismo uni e bimodal entre a Libras e a LSV em Roraima. *Letra Magna*, v. 14, p. 585-597, 2018.

ARAÚJO, P. J. P.; BENTES, T. Línguas de sinais de fronteiras: o caso da LSV no Brasil. *Humanidades & Inovação* (Aceito para publicação) 2020.

BENTES, T.; ARAÚJO, P. J. P. Migrantes e refugiados Surdos em Roraima: experiências do Programa de Extensão “MiSordo”. *Revista Limiaries: migração vista pelo sul* (Aceito para publicação) 2020.

BENTES, T.; TEÓFILO, B.; PAIVA, A. S. Migrantes e refugiados Surdos em Roraima. In: OLIVEIRA, M. M.; LUTTENER, C.M.A.; SANTOS, R. D.M. (Org.). *Migração & wash: reflexões sobre o contexto de Roraima*. Boa Vista: Cáritas brasileira e Editora da UFRR, 2020.

QUADROS, R. *Língua de Herança: Língua Brasileira de Sinais*. Porto Alegre: Penso, 2017.

CLUBE DE LEITURA EM TEMPOS DE PANDEMIA



Universidade Federal de Roraima - UFRR

Martha Julia Martins

Doutora e Mestra em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). É professora do Curso de Letras Português – Inglês da UFRR. É coordenadora do grupo de pesquisa do CNPq, GREG (Grupo de Estudos de Gênero) e coordenadora geral dos projetos de extensão Clube de Leitura YA e Feminismo na Universidade.

O Clube de Leitura de Young Adult (YA) foi criado no primeiro semestre de 2018 e tem por objetivo propiciar um espaço de leitura em língua inglesa voltado para a comunidade acadêmica ou externa à Universidade. Não é objetivo do Clube de YA a prática da oralidade em língua inglesa, mas somente fomentar o hábito de leitura em outro idioma. Além disso, o projeto utiliza-se de literatura jovem-adulto contemporânea, não clássica, para garantir que os participantes – principalmente aqueles que nunca leram um livro de ficção completo em língua inglesa – mantenham-se motivados a ler no idioma alvo. Tradicionalmente, os encontros do Clube acontecem sempre na última semana do mês, de forma presencial, nas dependências da própria universidade. Entretanto, em decorrência da pandemia mundial de COVID-19, os encontros do Clube foram imediatamente adaptados ao formato remoto.

Nos encontros – sejam presenciais ou remotos – os participantes são incentivados a falarem sobre suas experiências de leitura, olhando para

o que mais chamou a atenção durante o processo de leitura, sem julgamentos ou imposições. O espaço do Clube é democrático e acolhedor o suficiente, para que os participantes manifestem-se acerca da narrativa, dos personagens e da obra de uma forma geral, sem receios e limitações. Ademais, o fato de os encontros serem conduzidos em língua portuguesa serve de incentivo para aqueles que não possuem a habilidade oral bem consolidada no idioma alvo.

Adaptar os encontros ao formato remoto privou os participantes das interações presenciais, dos jogos, das dinâmicas de grupo e das comemorações festivas típicas da cultura anglofônica. Entretanto, possibilitou que mais pessoas pudessem participar do projeto, uma vez que os encontros remotos podem ser acessados de qualquer computador ou celular, o que confere mais flexibilidade aos encontros.

A importância de manter um espaço de leitura colaborativo como este, em funcionamento na universidade, no período da pandemia, é importante para: (i) manter os laços interpessoais ativos; (ii) promover um espaço de descontração e lazer em meio à pandemia; (iii) construir relações de afeto e solidariedade; e não menos importante, (iv) manter em dia a prática de leitura em língua inglesa.

As seções seguintes apresentarão de que forma a técnica de leitura extensiva e os livros de literatura jovem adulto utilizados no Clube de Leitura consolidam os objetivos acima citados. Antes, algumas questões metodológicas serão pontuadas.

Os participantes são encorajados a lerem um livro por mês de forma livre, buscando o mínimo possível de palavras desconhecidas no dicionário. Assim, por meio da leitura extensiva (Day e Bamford, 2002), os leitores vão aos poucos familiarizando-se com a estrutura narrativa e com o estilo do autor (a) do texto. Com a leitura concluída, os encontros são marcados e acontecem através da plataforma Google Meet, com duração aproximada de duas horas. Durante o encontro, a pesquisadora mediadora incita a discussão através de questionamentos simples acerca dos personagens ou de algum fato polêmico e/ou interessante do livro. Os participantes são chamados a contribuir com suas opiniões, tanto sobre o livro em si quanto sobre a experiência de ler em língua inglesa.

Sempre que o projeto é renovado, uma lista provisória de livros é indicada aos participantes,



para que eles (as) tenham conhecimento das leituras que encontrarão ao longo do ano. Como trata-se de lista provisória, os participantes podem sugerir leituras dentro do gênero jovem-adulto para que sejam incorporados ao longo do projeto. A ideia é que a lista seja flexível o suficiente, para que os participantes sintam-se inseridos no processo de escolha das leituras, pois um dos pilares que sustentam o Clube de Leitura é a motivação e o envolvimento do grupo. Além disso, os participantes do Clube ainda têm a oportunidade de se comunicarem através de um grupo de WhatsApp, criado exclusivamente para divulgar assuntos ligados à temática do Clube.

Day e Bamford (2002) apontam que a técnica de leitura extensiva (extensive reading) apresenta relativa taxa de sucesso, porque permite aos leitores que não possuem tanta familiaridade com o idioma alvo enveredarem por um formato de leitura mais autônomo, sem necessitar do auxílio do professor. Para os autores, o texto escolhido deve ser aquele que melhor se adequar à competência linguística do leitor. Assim, é importante os

leitores fazerem uso daquilo que Day e Bamford (2002) chamam de “regra da mão”, ou seja, o material a ser lido não pode apresentar mais do que cinco palavras difíceis por página, do contrário, o leitor perderia a motivação para permanecer lendo a obra, deslocando completamente o foco do prazer em ler pela busca incessante de palavras desconhecidas.

Em outras palavras, o ideal é que o texto selecionado seja adequado à competência linguística dos leitores e que “reflitam suas habilidades no idioma – textos que eles achem fáceis e agradáveis em cada passo do caminho” (DAY e BAMFORD, 2002, p. 137, tradução minha). Pensando nisso, são selecionadas cerca de 12 obras de literatura jovem-adulto em língua inglesa, para serem lidas ao longo do ano com os participantes do Clube. O gênero jovem-adulto apresenta linguagem mais acessível, com vocabulário de baixa dificuldade, o equivalente ao nível intermediário; além disso, as histórias costumam ser envolventes e com temáticas variadas, o que facilita ainda mais a leitura. Para Souza (2020), os livros de temática jovem-adulto tratam de:

Problemas e dilemas enfrentados pelos jovens em idade de formação, como os romances *coming-of-age* ou romances do ápice da maturidade, em tradução livre, sobre doenças como a depressão e outros transtornos de ansiedade, sobre o primeiro amor, sobre a adaptação em uma nova escola, bullying, rejeição, violência, entre outros, tornando esses livros mais interessantes – uma vez que tratam de assuntos facilmente relacionáveis – e apelativos a pessoas de qualquer idade, classe social ou nível de escolaridade (SOUZA, 2020, p. 259).

Na prática, o que vem sendo observado com os participantes do projeto extensionista é que a leitura extensiva propicia maior conforto durante a leitura e atrela aprendizado de vocabulário, maior fluidez durante a leitura e efetivo prazer em acompanhar a narrativa retratada em cada livro. Os participantes que nunca leram em inglês relatam terem dificuldade inicial no começo da leitura e à medida que vão se acostumando com o estilo de escrita do autor (a) e vão se familiarizando com a narrativa e com os personagens, deixam de apresentar dificuldades, à medida que o foco deixa de ser o vocabulário em língua inglesa e passa a ser a história em si e o prazer que

se extrai dessa interação com o livro. Aqueles que nunca tinham lido um livro de ficção em língua inglesa, frequentemente, narram a satisfação de terem alcançado esse objetivo e mostram-se motivados a continuar lendo, uma vez que o medo inicial fora superado.

Não é incomum que muitos leitores carreguem consigo muitos mitos acerca do processo de leitura em outro idioma. Alguns acreditam que para iniciar a leitura em língua inglesa é necessário nível avançado no idioma. Isso não se comprova na prática, pois muitos participantes nunca tiveram acesso ao ensino formal da língua e não apresentam maiores dificuldades ao longo dos encontros. Um leitor com o nível intermediário é capaz de compreender as estruturas morfosintáticas do idioma, sem grandes problemas, e à medida que vai praticando a habilidade da leitura através da prática de leitura extensiva, vai acumulando novos vocábulos, e conseqüentemente, aperfeiçoando sua capacidade técnica de ler em língua inglesa.

Muitas pessoas que buscam o Clube de Leitura acreditam que para terem bom desempenho na habilidade da leitura precisam começar pela literatura clássica, ou seja, precisam ler livros como “O morro dos ventos uivantes”, “O retrato de Dorian Gray” ou “O Grande Gatsby” – todos clássicos anglofônicos que requerem um repertório vocabular muito maior, se comparados aos livros do gênero jovem-adulto. Os que assim acreditam são sempre incentivados a começarem a ler literatura jovem-adulto, para que depois em um momento oportuno, quando se sentirem mais confiantes na habilidade de leitura, recorram à literatura clássica.

Além do desejo de ler livros clássicos ou acadêmicos, o que se nota é uma grande resistência entre os que procuram o Clube de abrirem mão da leitura de livros clássicos, pois muitos relatam um sentimento de culpa ao lerem literatura de entretenimento, como os livros usados no Clube, uma vez que acreditam que poderiam usar esse tempo de forma mais útil, lendo livros que efetivamente sejam considerados cultos pela academia. Entretanto, desconhecem que a literatura de entretenimento possui função importante nesse processo de aprendizado de língua estrangeira, pois propicia o aprendizado das estruturas da língua e a absorção de vocabulário de forma gradual

e sem grandes dificuldades, uma vez que a literatura jovem-adulto, voltada para um público mais jovem, faz uso de vocabulário mais acessível, o que ajuda na construção desse conhecimento.

Propiciar um espaço de leitura de não-clássicos, mas sim de leitura mais acessível, dentro de uma universidade pública federal significa democratizar a leitura como direito cidadão (SOUZA, 2020) para que atuem como bens que “garantem a integridade espiritual” (CANDIDO, 2011, p. 176). Assim, pensar na literatura jovem-adulto como um veículo-meio, que abrirá portas para literaturas mais densas, mais complexas, como as clássicas, serve aos propósitos desse projeto extensionista, pois quando fora idealizado, o Clube de Leitura possuía como objetivo central democratizar a leitura em língua estrangeira para garantir que mais pessoas pudessem superar suas limitações no idioma alvo, o que efetivamente vem acontecendo desde o início do projeto.

Em um pequeno questionário, respondido pelos participantes do Clube, 100% (cem por cento) dos participantes disseram estarem satisfeitos com o Clube no formato digital durante a pandemia e cerca de 55% (cinquenta e cinco por cento) gostariam que o Clube permanecesse em formato remoto, pois estes participantes alegam que o tempo gasto em deslocamento e o gasto feito com transporte é eliminado nos encontros virtuais, o que facilitaria a participação no projeto; fora isso, esses participantes alegam que ficam mais confortáveis em poderem discutir sobre livros diretamente de casa. Alguns sugerem que os encontros presenciais poderiam ser mantidos apenas em caso de atividades especiais comemorativas, como o Dia das Bruxas (Halloween) ou o encontro de encerramento de final de ano.

Ainda em resposta ao questionário aplicado, os participantes responderam que durante o ápice da pandemia de COVID-19, pertencer a grupos de apoio, como o Clube de Leitura, propiciou momentos de descontração e alívio em meio a tantas notícias ruins e perdas individuais e coletivas. Para os participantes, poder ler livros mais descontraídos e menos acadêmicos significa poder compartilhar afeto e emoções positivas, aliada ao objetivo inicial de tornar a leitura em língua inglesa um hábito.

O Clube de Leitura de literatura jovem-adulto é um modelo de projeto extensionista de baixo custo que pode ser facilmente replicado em outros formatos para outros cursos e para outros idiomas em diversos contextos e universidades. Além de ser indicado para promover a leitura e a discussão de um tema de interesse do (a) pesquisador (a), apresenta retorno positivo e imediato na sociedade. Esse modelo de projeto extensionista além de democratizar o acesso à língua inglesa – especialmente porque o preço de cursos de idiomas costuma ser bastante caro – requer apenas a figura do mediador e dos participantes selecionados. Além disso, trata-se de atividade de fácil divulgação. O local escolhido para os encontros, conforme observado por esta pesquisadora, pode ser tanto físico – nas dependências da instituição – quanto remoto/digital, através de uma plataforma gratuita que garanta áudio e imagem.

Além disso, como bem nos ensinou o mestre Antonio Candido, a literatura “é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade” (CANDIDO, 2011, p. 176). Em tempos de ódio e pandemia, precisamos desse componente que nos coloque frente ao outro e que nos humanize.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. Vários escritos. Rio de Janeiro: Editora Ouro sobre Azul, 2011.
- DAY, Richard e BAMFORD, Julian. Top Ten Principles for Teaching Extensive Reading. *Reading in a Foreign Language*. Volume 14, No. 2, October, 2002. Disponível em: <http://nflrc.hawaii.edu/rfl/October2002/> Acesso em: 11 de outubro de 2020.
- SOUZA, M.J.M. Literatura jovem adulto, projeto de extensão e a democratização do conhecimento: a leitura como um direito cidadão. *Pensares em Revista*, São Gonçalo-RJ, n. 17, p. 256-275, 2020.



LÍNGUA PORTUGUESA E A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO EM REDE

Universidade Federal de Roraima - UFRR

Maria da Conceição Lopes

Doutora em Ciências da Educação, Coordenadora do curso PLE/PLA na UFRR

Jam Muhammad Ishtiaq

Graduando do curso de Medicina na UFRR

Maiane Machado Sá

Especialista em ensino de línguas pela UERR

Fabiano Henrique Rocha

Graduado em Letras pela UFRR

Manuel Antônio Carneiro da Silva

Graduando em Artes Visuais

Apresentaremos, nesse trabalho, o início da pandemia e a paralisação das aulas, o ensino on-line da Língua Portuguesa para alunos de países com os quais o Brasil tem convênio de internacionalização, como se deu o início da utilização da internet e falar sobre algumas redes sociais utilizadas como meios de comunicação, interação e aula, com ênfase no aprendizado da Língua Portuguesa como língua adicional; Compreender a importância das redes sociais nesse período de confinamento social e a capacidade de o professor contornar as dificuldades para atingir os objetivos propostos e avançar no universo dos alunos estrangeiros para que esses se beneficiem no processo de ensino aprendizagem da Língua Portuguesa.

Ao lado disso, apresentaremos as dificuldades sobre acessos e falta de conhecimento dos alunos sobre o funcionamento dos dispositivos remotos para a efetivação das aulas. Apesar de pertencerem à geração conectada, os alunos demonstra-

ram grandes dificuldades na operacionalização dos comandos dos dispositivos remotos utilizados para a efetivação das aulas e, conseqüentemente, para a aprendizagem.

No início de 2020, um surto de uma misteriosa doença causada por uma variação do coronavírus, cujo primeiro caso foi reportado em dezembro de 2019 na cidade de Wuhan, na China, levou a população mundial ao afastamento de suas atividades sociais e a tomar algumas medidas de distanciamento social. O aumento do número de casos rapidamente caracterizou a infecção como um surto, de modo que, no final de janeiro de 2020, a Organização Mundial de Saúde (OMS) declarou a situação como uma emergência em saúde pública de interesse internacional.

Em 11 de março de 2020, a OMS declarou a COVID-19 como pandemia e instituiu as medidas essenciais para a prevenção e enfrentamento a serem adotadas. Elas incluíam a higienização das mãos com água e sabão sempre que possível e uso de álcool em gel nas situações em que o acesso à água e ao sabão não fosse possível. Também recomendavam evitar tocar olhos, nariz e boca, e proteger as pessoas ao redor ao espirrar ou tossir, com adoção da etiqueta respiratória, pelo uso do cotovelo flexionado ou lenço descartável. Além disso, a OMS indicou a manutenção da distância social (mínimo de um metro), que se evitassem aglomerações, e a utilização de máscara em caso de quadro gripal ou infecção pela COVID-19, ou se profissional de saúde no atendimento de pacientes suspeitos/infectados.

No dia 3 de fevereiro de 2020, no Brasil, foi declarada, por meio da Portaria nº 188 do Ministério da Saúde, Emergência em Saúde Pública de Importância Nacional, correspondendo à classificação de risco em nível 3, em decorrência da infecção humana pelo novo coronavírus (Sars-CoV-2). Essa ação teve a finalidade de favorecer que medidas administrativas fossem tomadas com maior agilidade para que o País começasse a se preparar para o enfrentamento da pandemia, apesar de à época não ter ainda nenhum registro de caso confirmado.

As mudanças das funções cognitivas geradas pelo ciberespaço favorecem a emergência de novas competências para encontrar e utilizar a informação e ao mesmo tempo transformá-la em conhecimento. Aqui a figura do professor assume

uma postura voltada para incentivar os alunos a desenvolverem uma inteligência coletiva, construída colaborativamente neste cenário inesperado. As escolas e universidades, segundo Lévy (2010), devem contribuir ao legitimar novas formas de reconhecer os saberes adquiridos na vida social dos alunos, já que eles também aprendem fora do ambiente acadêmico.

Um dos objetivos das Redes Sociais é o de integrar, compartilhar informações em comum, entreter e aproximar pessoas, é possível, a partir de agora, inserir mais um, colaborar no processo de ensino/aprendizagem.

Atualmente, existem muitas Redes Sociais e funções para diversas áreas: profissional como o LinkedIn, onde se publica o currículo em círculos de amizade para que se obtenha sucesso na carreira; as sociais, como o Instagram, uma rede onde o foco são fotos e vídeos WhatsApp, um aplicativo de mensagens instantâneas no qual existe a possibilidade de compartilhamento de vídeos, mensagens de voz e de texto, dentre outros aplicativos. Além deles, há ainda plataformas de videoconferências, como o Google Meet e o Zoom, por exemplo, que permitem a realização de reuniões por meio de vídeos, bem como o compartilhamento de telas. Para este trabalho, utilizamos o Zoom, o Google Meet e o Whatsapp. Além do sistema moodle, que é uma ferramenta de apoio ao ensino à distância.

O uso das Redes Sociais tem sido de grande importância na atual situação em que vive a sociedade mundial em virtude da pandemia. As informações em tempo real, proporcionam aos usuários uma interação virtual e, com ela, a necessidade de mais informações difundidas ao mesmo tempo. Com todas essas disponibilidades tecnológicas, e considerando esse momento histórico, muitas pessoas, instituições educacionais, empresas têm aderido às Redes Sociais para uma nova relação digital, nos mais diversos setores: saúde, compras, estudos, relacionamentos financeiros, familiares, dentre outros.

A Universidade Federal de Roraima criou, em 2009, a Coordenadoria de Relações Internacionais (CRINT/UFRR), a qual tem como missão: promover, organizar e nortear a formação de redes e ações de internacionalização nos âmbitos do Ensino, Pesquisa e Extensão. Como salienta Nobrega (2014, p. 64), “no Brasil, os dados atu-

ais mostram que a internacionalização ocorre de forma diferenciada em cada Instituição de Ensino Superior”, entretanto, o País tem se esforçado para acompanhar essa tendência mundial.

Programas de intercâmbio lançados pelo Brasil nos últimos anos têm dado força ao País permitindo-lhe vencer as barreiras impostas por sua posição econômica.

Como consequência dessa expansão de programas estudantis internacionais, muitas Instituições de Ensino Superior, brasileiras e estrangeiras, têm criado cursos de Português para alunos de mobilidade internacional como um mecanismo de apoio e de imersão cultural ao ambiente acadêmico e social aparentemente desconhecido, para os quais eles irão. Tomamos as palavras de Castro (2009) para reforçar que a Língua Portuguesa vive um momento político de internacionalização sem precedentes. Castro (2009) salienta que:

Tornar o Português uma língua internacional não é sinônimo de exportá-la. Isso, porque muitos estudantes estrangeiros que estudam Língua Portuguesa no Brasil acabam se identificando com os autores, os linguajares, a literatura e o modo de se fazer ciência no Brasil e acabam se tornando agentes da difusão dessas nossas características quando retornam para seus países (CASTRO, 2009, p. 5).

O Programa Estudante Convênio de Graduação (PEC-G) é o mais antigo mecanismo de cooperação educacional promovido pelo Brasil. Ele organiza, desde 1965, a entrada de estudantes estrangeiros no País tendo passado, em quase 53 anos de existência, por diversas mudanças junto às Instituições de Educação Superior (IES) e órgãos gestores.

Na última década, o tema da internacionalização e da mobilidade estudantil na Educação Superior (ES) ganharam importância e destaque no Brasil. Azevedo e Catani (2013) indicam que ambas ocorrem em meio a um discurso sobre solidariedade internacional, ao mesmo tempo em que de um lado o mercado internacional da educação e do outro o conhecimento, sendo estes conceitos contraditórios.

Segundo a página da Divisão de Temas Educacionais, para o governo brasileiro o Programa Estudante-Convênio de Graduação (PEC-G) é uma:

Iniciativa de cooperação, prioritariamente entre países em desenvolvimento, com o objetivo de

formar recursos humanos e possibilitar a jovens dos países com os quais o Brasil possui acordos educacionais ou culturais o acesso a cursos de graduação em Instituições de Ensino Superior (IES) brasileiras. (DCE, 2014)

Em 2020, com o surgimento da pandemia, as aulas de Português Língua Estrangeira/Português Língua Adicional (PLE/PLA) sofreram uma mudança radical e, como se não bastasse a dificuldade de se aprender a Língua Portuguesa e se preparar para o exame de proficiência Celpe-Bras, essa aprendizagem teve que ser construída por meio de estratégias didático/metodológicas que permitissem aos alunos e professores estarem juntos nessa construção cooperativa e, ao mesmo tempo, distantes como medida preventiva para evitar a contaminação pelo novo coronavírus.

O curso de PLE/PLA é dividido em duas modalidades: a escrita e a oralidade. No início foi utilizada a plataforma moodle/UFRR para o desenvolvimento da escrita, no entanto, os alunos tiveram grandes dificuldades em utilizar essa plataforma como ambiente virtual de aprendizagem. Apesar de a professora colocar o tutorial com todas as orientações de como proceder com relação ao envio das tarefas, ao acesso ao material para estudos, os alunos não conseguiram efetivar o envio e estabelecer uma relação de interação e construção do conhecimento. Ao lado disso, outra grande dificuldade enfrentada pelos alunos foi com relação à potência de seus aparelhos celulares e à qualidade da internet.

Por outro lado, o ensino on-line tornou possível que todos os alunos estabelecessem contato com os professores, por exemplo: por causa da disseminação do vírus tivemos uma aluna que não conseguiu chegar em Boa Vista e encontrou-se, até o presente momento, em São Paulo. Essa aluna participou de todas as aulas do curso ministrado de forma on-line.

Na tentativa de reduzir as dificuldades enfrentadas, algumas mídias sociais foram testadas e, dentre elas, a que mais produziu eficácia, com relação à interação verbal, oral e escrita entre professores e alunos, foi o whatsapp, por ser um aplicativo de resposta rápida conseguiu produzir a interação necessária para que houvesse a construção do conhecimento linguístico do Português enquanto língua estrangeira, tão necessário para a aprovação desses alunos no exame de profici-



Sala de aula no “novo normal”
Acervo pessoal da Profª Maria da Conceição Lopes

ência Celpe-Bras que, especialmente, nesse ano, será aplicado no mês de dezembro.

Com relação à parte oral, optou-se por trabalhar com o Zoom, no primeiro momento. Por meio dessa ferramenta, foi possível dividir os alunos em salas diferentes, formando duplas, grupos, para discutir as temáticas, e em seguida, compartilhar os conhecimentos adquiridos com os demais alunos. No entanto, os alunos tinham dificuldades em se conectarem, pois para “entrar na sala” era necessário baixar o aplicativo, efetuar o Login, não se tem uma internet não funciona muito bem e quando todos os alunos “entravam na sala”, automaticamente, a conexão ficava mais lenta, era necessário esperar todos os participantes para iniciar a aula o que levava ao atraso para o início da interação verbal, diminuindo o tempo que se tinha para o desenvolvimento da aprendizagem que se havia planejado para aquele dia.

A partir disso, percebeu-se que era melhor utilizar uma Rede Social que todos tivessem acesso, pois assim seria mais rápida a comunicação entre os envolvidos. Por esse motivo, o whatsapp foi a melhor opção, já que todos têm esse aplicativo instalado em seus smartphones e é mais simples de manusear.

A partir de então, o uso do whatsapp, nas aulas de oralidade, tornou-se um parceiro diário. Essas aulas eram baseadas em elementos provocadores (EP), isto é, materiais usados na prova do exame Celpe-Bras com o objetivo de provocar o diálogo entre o aluno e o professor aplicador da prova,

esse diálogo é gravado e enviado juntamente com a prova escrita para a correção em Brasília.

Para o desenvolvimento dessas interações, usou-se EP de anos anteriores e, por meio de ligações via whatsapp, era estabelecida uma interação em tempo real com os alunos, proporcionando mais interatividade. Os alunos recebiam o elemento provocador (imagem com ou sem texto) abordando diferentes temas por meio do grupo criado no whatsapp para analisarem, interpretar o material, e posteriormente, a ligação era realizada e assim era iniciada uma conversa de até 10 minutos com cada aluno baseada no roteiro de interação face a face.

Assim, foi perceptível a diferença na aprendizagem com a utilização dessa ferramenta, pois os alunos se sentiam mais à vontade para falar, expressar suas ideias e suas opiniões a respeito do tema trabalhado.

Essa realidade foi refletida no questionário aplicado por meio do google forms, no qual, 100% dos alunos atendidos pelo curso de Língua Portuguesa para estrangeiros e preparação para o exame Celpe-Bras, do projeto de extensão do “Curso de Português Língua Estrangeira da UFRR” respondeu que prefere estudar por meio do whatsapp, por ser mais fácil de receber o material, mais rápido para enviar as respostas e também mais prático para estabelecer comunicação tanto com os colegas quanto com os professores. A interação realmente acontece, na maioria das vezes, em tempo real, ou seja, no caso das dúvidas, ao postarem no grupo alguma pergunta, essa é respondida imediatamente ou pouco tempo depois.

Os entrevistados se mostraram receptivos ao método usado pelos professores e conforme Demartini (1993) e Belloni (1991), uma educação midiática onde o professor traz a tecnologia para complementar sua didática e obter um resultado satisfatório e prazeroso, proporcionando a participação de outros alunos no processo de inclusão, junto às tecnologias e uma aprendizagem eficaz são os elementos primordiais para a efetivação do sucesso no processo de ensino aprendizagem.

No momento em que os alunos sentiram-se familiarizados com a nova maneira de ensinar e aprender, não tendo mais uma sala de aula física, mas um ambiente virtual de aprendizagem, passamos a ministrar aulas por meio do Google Meet o que tornou a sala de aula mais “próxima” do mundo conhecido como “normal” para a construção do conhecimento conforme figura 1.

As salas das casas dos professores ganharam

novos adereços como quadro branco, conforme a figura 2, e os alunos tiveram aulas diárias em um expediente e no contra turno faziam as atividades, chamadas de “tarefas”, postavam nos grupos e eram corrigidas pelos professores que utilizavam, para isso, as ferramentas de desenho do Word, visto que o que era postado era uma foto dos textos produzidos.

Os entrevistados disseram que os professores que utilizam os recursos tecnológicos, as redes sociais e que, principalmente utilizam o whatsapp, trazem uma proposta inovadora e dinâmica, nesse momento de pandemia, o que tem funcionado de maneira mais eficiente. Nesse sentido, pode-se entender que se aprende melhor quando se abre possibilidades para se trabalhar com a reflexão e a ação, construindo-se a experiência e a conceituação, trabalhando-se a teoria e a prática de forma concomitante onde ambas alimentam-se mutuamente.

A implantação desse projeto de ensino e o desenvolvimento desse trabalho, juntamente com os resultados obtidos ao longo do processo, nos evidenciam que o ser humano está disposto a passar por mudanças e transformações cognitivas e comportamentais para evoluir e ampliar seus horizontes e conhecimentos, atuando como sujeitos ativos na construção de sua própria história e aberto às modificações necessárias, sejam elas individuais ou coletivas.

Diante do exposto, podemos então considerar esta experiência como muito rica e satisfatória, pois mostra que precisamos estar atualizados e buscar incessantemente diversificar as práticas pedagógicas, visto que existe uma necessidade cada vez mais pluralizada tecnologicamente na busca de conhecimentos que vão além do trabalhado no “antigo normal” da sala de aula. Ao lado disso, é importante observar, também, as limitações dessas redes tecnológicas, no sentido de que nada substitui o professor e que a interação face a face se faz necessária, importante e mais eficiente, do que qualquer estratégia midiática, principalmente, na aprendizagem de uma língua adicional. Todos os veículos de comunicação social são importantes e podem produzir conhecimentos, no entanto, sozinhos tornam-se incompletos no processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, M. L. N.; CATANI, A. M. Educação Superior, internacionalização e circulação de ideias: ajustando os termos e desfazendo mitos. *Interação*, UFG, Goiânia, v. 38, n. 2, p. 273-291, mar. 2013. [Links].
- BELLONI, Maria Luiza. Educação para mídia: Missão urgente da escola. *Comunicação e Sociedade- Revista de Estudos de Comunicação*, 1991.
- BRASIL, Manual do Estudante - Convênio. Programa de Estudantes-Convênio de Graduação. Ministério das Relações Exteriores – MRE; Departamento Cultural – DC; Divisão de Temas Educacionais- DCE. 2017. In:http://www.dec.mre.gov.br/PEC/G/docs/Manual_do_estudante_Convenio_PT.pdf Acessado em: 05 de out. 2020.
- CASTRO, G. P. O. A abordagem subjacente ao material didático de Português Língua Estrangeira: a análise da multimodalidade textual. 2009. 86 f. Dissertação (Mestrado em 96 Linguística Aplicada) - Instituto de Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2009. Disponível em: <<http://repositorio.unb>. Acesso em 05 de out. 2020.
- DEMARTINI, Pedro Paulo. Atualização e aperfeiçoamento de professores por multimeios_Tecnologia Educação. Rio de Janeiro, v.22, julho/Out 1993.
- LORENZO, Eder Maia. A Utilização das Redes Sociais na Educação: A Importância das Redes Sociais na Educação. 3 ed. São Paulo: Clube de Autores, 2013.126p.



VIVÊNCIA SOCIAL: PROJETO ARQUITETÔNICO PARA ABRIGOS INSTITUCIONAIS EM RORAIMA

Universidade Federal de Roraima - UFRR

Clara Alice Siqueira Weiduschat

Acadêmica do 6º semestre do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Roraima.

Márcio Baraúna Bento

Prof. Me. Curso de Arquitetura e Urbanismo UFRR e Coordenador do EMAU / UFRR.

O Processo de acolhimento institucional, abordado pelo Plano Nacional de Promoção, Proteção e Defesa do Direito da criança e do adolescente, tem como princípio em sentido estrito de “abrigo”, que consiste em uma medida de “proteção especial” prevista no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) e definida como “provisória e excepcional” (ECA, art. 101).

Diante da temática, a ação de Extensão com o título “Escritório-Modelo de Arquitetura e Urbanismo – EMAU/UFRR”, vinculado ao curso de Arquitetura e Urbanismo da referida instituição, recebeu como demanda institucional, a proposta para desenvolver seis projetos arquitetônicos para abrigos institucionais do Governo do Estado, por meio do Acordo de Cooperação técnica nº05/2019, que tem como objetivo, desenvolver projetos de arquitetura e complementares para as unidades sociais.

Assim, como procedimento metodológico, os trabalhos têm sido desenvolvidos, primeiramente, da pesquisa bibliográfica, documental e

de campo, distribuídas em etapas. Minayo (2010, p.5) nos adverte que “para um bom pesquisador é necessário indagar muito...” e este procedimento, a equipe do EMAU, formada por alunos e professores, desenvolveu em meio a temática proposta, que trouxe um grande desafio.

Durante esse período, destacou-se por várias vezes, o privilégio de participar dos momentos de vivência social em meio a tantas complexidades e especificidades como Abrigos do Idoso, Infantil, masculino, feminino, localizados em Boa Vista (RR), que funcionam de forma precária. Tais relatos estão contribuindo para o desenvolvimento dos projetos atualmente e marcaram a vida acadêmica e o futuro profissional de todos os envolvidos, com experiências reais e inesquecíveis.

O Escritório-Modelo de Arquitetura e Urbanismo (EMAU) é um projeto de Extensão criado pela FeNEA (Federação Nacional dos Estudantes de Arquitetura e Urbanismo do Brasil) para estudantes que desejam não só complementar a educação universitária, como também se aproximar da realidade social através de vivências em meio à comunidade. O EMAU é um espaço de debates e produção aberto para toda a sociedade, que chegou à Universidade Federal de Roraima (UFRR) em 2019. O objetivo é levar a Arquitetura a lugares onde normalmente o trabalho do arquiteto não chega, contribuindo para a melhoria de vida das comunidades e instituições sem fins lucrativos.

Apesar de ser recém-chegado na UFRR, esse projeto está inserido em outras Universidades Federais. São mais de 30 EMAUs em funcionamento ou em construção no Brasil atualmente. Temos o princípio da horizontalidade, ou seja, não há uma hierarquia e todos os interessados podem contribuir igualmente. Buscamos viver a Arquitetura como um processo e não entregar projetos prontos.

Em março de 2020, antes da pandemia pelo corona vírus e do isolamento social, o Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFRR em conjunto com EMAU, vinculado ao Acordo de Cooperação técnica entre a UFRR e o Governo do Estado, atrelado especificamente à SETRABES, recebeu a demanda para desenvolver 06 (seis) projetos arquitetônicos para abrigos institucionais do estado, sendo eles: Abrigo Infantil (para crianças de 0 a 12 anos); Abrigo Feminino (para adolescentes de 12 a 18 anos do sexo feminino); Abrigo Mas-

culino (para adolescentes de 12 a 18 anos do sexo masculino); Casa do Vovô (para pessoas idosas); Casa de Maria (para mulheres em situação de vulnerabilidade) e a Casa de Passagem, todos localizados em Boa Vista-RR.

Durante da pandemia, adiantou-se somente pesquisa bibliográfica como leitura de Normas técnicas, artigos científicos sobre a temática, instrumentos normativos, etc, porém, quando aprovado o calendário e a volta dos projetos de Extensão da UFRR, o coordenador Professor Márcio Baraúna avisou aos membros do EMAU, por meio do grupo de WhatsApp, sobre as demandas, diante do Acordo de Cooperação Técnica firmado.

Entre os membros ativos na Extensão e os acadêmicos em geral, surgiram convites para participar da equipe e formar uma força-tarefa, disposta a ajudar, de forma voluntária, nos trabalhos. Diante do aceite dos acadêmicos, iniciou-se uma série de reuniões em meio à quarentena (Figura 01), por meio do Google Meet. Elas aconteciam, aos sábados, em horário combinado no grupo. Na ocasião, os integrantes debatiam sobre o conteúdo estudado durante a semana.

Normas técnicas, manuais de assistência social e trabalhos científicos foram usados como referência teórica para a construção do conhecimento que, aliados aos debates e discussões, foram essenciais para essa primeira fase do projeto. A base teórica torna para o pesquisador um alicerce para a ‘construção’ do conhecimento, como exemplo, um estudo realizado pelo EMAU a respeito do público da melhor idade e suas especificidades.

O documento “Orientações Técnicas: Serviços de Acolhimento para Crianças e Adolescentes (2009)” enfatiza que um abrigo é uma casa, lugar que deve oferecer proteção e conforto, ter como foco uma tipologia residencial, além da sua parte administrativa, dormitórios, serviços e saúde. O público alvo como os institucionalizados, técnicos-servidores, etc, necessitam de espaços com conforto e segurança, tendo em vista o tempo de permanência nos Abrigos.

Com a experiência da quarentena, muitos brasileiros puderam entender o que é estar confinado dentro de casa, e, assim, sentir na pele o que uma pessoa acolhida num abrigo está sentindo. Neste contexto, o trabalho, o estudo e o lazer feitos dentro de casa, simbolizando até mesmo, um sistema carcerário.



REUNIÕES on-line com a Equipe EMAU/UFRR
próprio autor (2020)

Desta maneira, quanto mais tempo ficamos em casa, mais queremos melhorá-la e nos sentirmos confortáveis. Se nós almejamos o conforto dentro de nossa casa, as pessoas que estão em situação de vulnerabilidade social dentro de um abrigo institucional também. A importância desta ação de Extensão é conceder, além da troca de conhecimento entre as pessoas que moram no abrigo e os alunos de Arquitetura e Urbanismo, a possibilidade da própria Universidade contribuir para o conforto na vida dos moradores desses locais.

A próxima etapa foram as visitas técnicas aos abrigos já existentes, seguindo os critérios estabelecidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS), com o objetivo de conhecer a vivência do nosso público-alvo dentro de seu lugar de acolhimento. Na ocasião, dialogamos com os institucionalizados e servidores, o que foi de extrema importância para entendermos suas necessidades. Notou-se que haviam necessidades específicas, que eram parte do cotidiano dos usuários como atividades socioeducativa, espaços de interação, conforto paisagístico, etc.

Coelho Netto (2014) explica o problema do processo na percepção arquitetônica ao fazer a conexão entre o fantástico e o real, o 'moderno' e o corretamente adaptado. Ainda ressalta que o imaginário "não pode ser descrito como fantasia, alucinação, mas como o universo de um modo de relacionamento da consciência individual com objetos reais ou virtuais." (NETTO, 2014). Define-se, então, a relação do usuário com a Arquitetura, no que se refere à percepção e a verdadeira necessidade daquele espaço.

Observou-se que, além das diretrizes legais para um bom desenvolvimento de um projeto arquitetônico de um Abrigo Institucional e dos parâmetros de conforto e segurança, é preciso ouvir e vivenciar os diversos atores presentes nos espaços, como os servidores públicos, diretores, os próprios institucionalizados e os visitantes. Durante as visitas técnicas, notou-se o semblante de gratidão em cada pessoa, em poder participar da construção do novo Projeto para os Abrigos.

Dessa forma, independentemente do público, percebeu-se que a unidade de acolhimento consiste em lugar de relacionamentos, seja no contexto social, econômico ou cultural, que cria laços afetivos, identidade, proximidade com o lugar. Portanto, são projetos que contribuem para promover a qualidade de vida, o melhor convívio e a segurança social. Fica, tanto na memória arquitetônica como no íntimo profissional, a experiência da observação vivida nestes abrigos, servindo de força e estímulo para continuar sempre acreditando na contribuição da Arquitetura e do Urbanismo para a sociedade.

Portanto, compreender as especificidades dos espaços e suas características como unidades de acolhimento, em meio as precariedades estruturais vividas por parte dos usuários, possibilitou identificá-las e conceituá-las sob a ótica da Arquitetura, atrelando às questões econômicas, políticas e culturais, possibilitando a Pesquisa e o Ensino através da Extensão.

REFERÊNCIAS

- COELHO NETTO, J. Teixeira. A Construção do Sentido na Arquitetura. 6. Ed. São Paulo: Perspectiva, 2014. 179p.
- ESTATUTO, DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE. Lei n. 8.069 de 13 de julho de 1990. Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescentes. Brasília-DF, 1990.
- MINAYO, M. C. S. (org.) Pesquisa social: Teoria, Método e Criatividade. 29 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

TECNOLOGIA SOCIAL PARA AGRICULTURA FAMILIAR: FORMAÇÃO E APLICAÇÃO PARA COMERCIALIZAÇÃO DIRETA



Universidade Federal de Roraima - UFRR

Paulo Sérgio Maroti

Doutor em Ciências pela UFSCar, professor LEDUCARR/UFRR, Coord. Tec. Sociais ITCPES/UFRR

Cleane da Silva Nascimento

Mestre em Educação pela Universidade de Trás-dos-Montes e Alto Douro/Portugal, Professora do Instituto Federal do Mato Grosso, Colaboradora da ITCPES/UFRR

Luís Felipe Paes de Almeida

Doutor em Botânica pelo INPA, Professor do Instituto Insikiran de Formação Superior Indígena/UFRR, Coord. Proj. Agroecológicos ITCPES/UFRR.

Davi Vales de Souza

Graduando em Lic. em Geografia/UFRR.

A Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares e Empreendimentos Solidários da Universidade Federal de Roraima (ITCPES/UFRR), busca incentivar os empreendimentos sociais incubados e consumidores de alimentos saudáveis. Nesse sentido, ofereceu treinamento em Tecnologias de Informação e Comunicação durante a pandemia do coronavírus (SARS-COV-2) para tornar possível a comercialização de seus produtos de forma remota (on-line), viabilizando a organização de pedidos e entregas.

Os alimentos provenientes de hortifrutigranjeiros são considerados saudáveis, ricos em vitaminas, sais minerais e proteínas, elementos fundamentais para o aumento da imunidade e prevenção contra doenças. De acordo com o Guia Alimentar da População Brasileira (BRASIL, 2014), é considerada alimentação saudável os alimentos em grande variedade e predominantemente de origem vegetal, alimentos in natura ou minimamente processados. Esses ingredientes

são a base ideal para uma alimentação nutricionalmente balanceada, saborosa, culturalmente apropriada e promotora de um sistema alimentar, social e ambientalmente sustentável. Variedade significa alimentos de todos os tipos – grãos, raízes, tubérculos, farinhas, legumes, verduras, frutas, ovos e carnes – e variedade dentro de cada tipo – feijão, arroz, milho, batata, mandioca, tomate, peixes e etc.

Nesse sentido, e a partir da concepção de Almeida (2010, on-line), que destaca as tecnologias sociais como aquelas que “se propõe a atuar sobre um problema social; quando seus valores estão informados pelo desenvolvimento da sociedade, não do mercado, ou seja, quando a ideia de social se apresenta como alternativa ao capital”.

Dessa maneira, buscou-se contribuir com a formação e assessoramento para a criação de um formulário on-line, a fim de facilitar a gestão dos pedidos de entrega em domicílio (delivery). A ferramenta visou facilitar o processo de compra realizado pelos clientes, bem como facilitar o gerenciamento, antes feito de modo manual. A ação foi pensada em conjunto com a Cooperativa dos Cinco Polos (Coopercinco) e Associação dos Hortifrutigranjeiros Orgânicos de Boa Vista (Hortivida), a partir da chegada do vírus SARS-COV-2, em fevereiro de 2020, na América Latina.

Entretanto, na cidade de Boa Vista, isso só ocorreu no final do mês de março de 2020, tendo crescimento acelerado do número de infectados e mortos a partir de maio. Concomitantemente, um grave quadro de colapso dos sistemas de saúde em muitos países cresceu, e trouxe à luz da população, formas de buscar a melhoria da imunização do corpo por meio de alimentos saudáveis. As medidas propostas pela Organização Mundial da Saúde (OMS) consistiram no isolamento social, uso de máscaras faciais e álcool em gel para a limpeza das mãos.

Diante deste cenário, aumentou a busca por uma alimentação mais saudável, visando aumentar a imunização do corpo. Nesta perspectiva, os agricultores orgânicos em todo o País foram acionados, e em Boa Vista, não foi diferente. Com a determinação da quarentena e, por consequência, do fechamento dos espaços onde ocorriam aglomerações, os agricultores tiveram que suspender a realização das feiras e iniciaram o delivery de seus produtos, impulsionados, além de tudo, pela Segurança Alimentar.

Para este trabalho, utilizamos a metodologia quantitativa, que concerne em quantificar, descrever fenômenos e compreender a sua essência (ANDRÉ, 2007). Desse modo, este relato está dividido em três tópicos: a introdução, onde apresentamos as nossas inquietações que nos levaram ao problema, questões norteadoras, objetivos e metodologia utilizada; o desenvolvimento, onde abordamos o referencial teórico, trazendo conceitos pertinentes para o desenvolvimento do trabalho. Trazemos também os passos realizados no decorrer do percurso, bem como as análises; e, por fim, as considerações, onde fazemos reflexões com base no desenvolvimento deste trabalho.

Google forms: instrumento utilizado para contribuir com a venda de produtos oriundos de Empreendimentos Econômicos Solidários

Quando a pandemia chegou ao Brasil, tornou-se necessário o isolamento e distanciamento social. Deste modo, com o fechamento dos comércios, feiras, entre outros locais, os agricultores familiares foram afetados, com a queda nas vendas. Os agricultores iniciaram as vendas on-line pelo aplicativo whatsapp, no qual recebiam diretamente os pedidos feitos pelos consumidores.

Entretanto, apesar de ser uma ferramenta versátil, o whatsapp não atendeu a expectativa no que concerne a apresentação da lista de produtos para os clientes. Então, os EES começaram a pensar em novas formas, visando facilitar o processo de gestão desse novo formato de vendas.

Foi então que o Grupo de Trabalho da IT-CPES/UFRR, sob a Coordenação de Tecnologias Sociais, incentivou o uso do Google Forms e Sheets, a partir da experiência do empreendimento de agricultura orgânica, o Trigenros, localizado no município de Pacaraima, em Roraima, que apresentou um resultado positivo com a utilização dos formulários.

Essas ferramentas são gratuitas, permitem a coleta de informações via formulários (Google Forms) e em planilhas (Google Sheets). Tais mecanismos foram muito utilizados durante a pandemia para a realização de atividades, avaliações escolares e pesquisas.

Entretanto, a partir da necessidade dos EES mencionados, a plataforma ganhou outra função, que foi a de gerir uma nova modalidade de

vendas on-line com a entrega em domicílio (delivery). Para isso, foi criado um formulário específico para atender a cada empreendimento (COOPERCINCO e Hortivida), conforme figuras 1 (A, B), ambos grupos da agricultura familiar.

Além dos formulários, foram estruturadas as formas de uso das planilhas para banco de dados dos pedidos, contendo o endereço, bairro para entrega dos produtos, tipo de pagamento e produtos solicitados, conforme figura 2 (A). A partir dessas informações, foram feitos os gráficos, que facilitaram a tomada de decisão do EES.

A) Banco de dados de pedidos; B) Dados re-locados ; C) Valores e saldo de compras.

Quando o cliente responde ao formulário do Google Forms automaticamente é criada uma planilha no Google Sheets, que armazena as respostas (A). Entretanto, a guia (aba – uma espécie de folha do programa da planilha) não pode ser modificada. Assim, criou-se duas guias no mesmo arquivo, no qual, copia-se e cola-se os dados na segunda guia (B), e na terceira, calcula-se automaticamente os valores das compras dos clientes – (C).

Além disso, vale lembrar que outra vantagem do uso da plataforma consiste na organização do banco de dados e na criação automática de gráficos, que permitem auxiliar o EES na tomada de decisão.

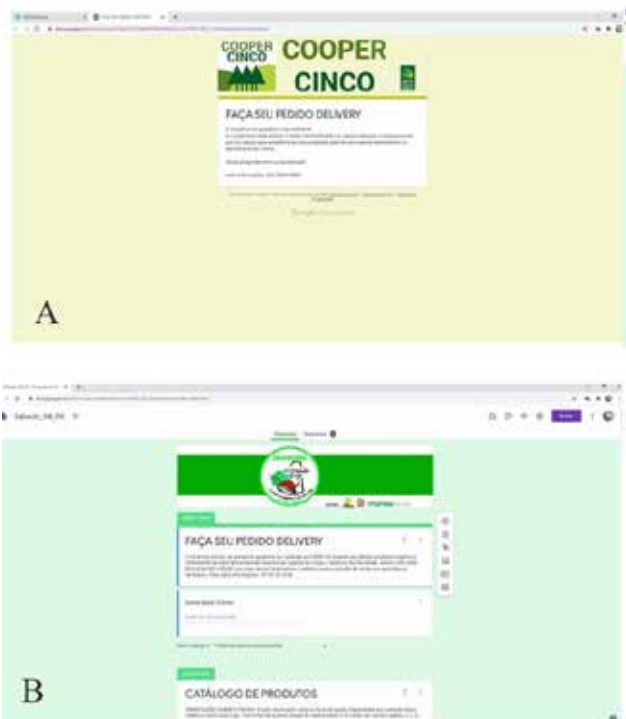
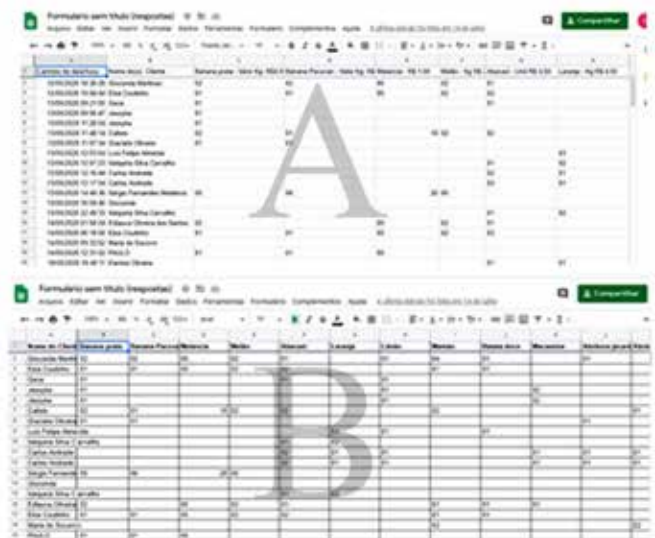


Figura 1 – Layout de abertura de pedidos dos formulários criados para banco de dados delivery da COOPERCINCO (A) e HortiVida (B).



1	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	K	L
2	Cliente	Itens em grupo	Itens em Pacote	Itens em Meio	Itens em Almoço	Itens em Lanche	Itens em Bebida	Itens em Salada	Itens em Doce	Itens em Acompanhamento	Itens em Acompanhamento	Itens em Acompanhamento
3	Gioconda Martinez	R\$ 9,00	R\$ 12,00	R\$ 5,00	R\$ 4,00	R\$ 4,50	R\$ 0,00	R\$ 4,00	R\$ 9,20	R\$ 3,00	R\$ 0,00	R\$ 2,50
4	Eloá Coutinho	R\$ 4,50	R\$ 6,00	R\$ 5,00	R\$ 4,00	R\$ 9,00	R\$ 6,00	R\$ 0,00	R\$ 2,30	R\$ 3,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00
5	Gece	R\$ 4,50	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 4,50	R\$ 0,00	R\$ 4,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00
6	Jessyka	R\$ 4,50	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 4,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 4,00	R\$ 0,00
7	Jessyka	R\$ 4,50	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 4,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 4,00	R\$ 0,00
8	Callisto	R\$ 9,00	R\$ 0,00	R\$ 10,00	R\$ 4,00	R\$ 9,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 4,60	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00
9	Graciele Oliveira	R\$ 4,50	R\$ 6,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 2,50
10	Luis Felipe Almeida	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 13,50	R\$ 4,00	R\$ 0,00	R\$ 3,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00
11	Valquíria Silva Carv	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 4,50	R\$ 9,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00
12	Carlos Andrade	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 9,00	R\$ 4,50	R\$ 4,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 2,00	R\$ 2,50
13	Carlos Andrade	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 9,00	R\$ 4,50	R\$ 4,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 2,00	R\$ 2,50
14	Sérgio Fernandes M	R\$ 22,50	R\$ 36,00	R\$ 20,00	R\$ 10,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00
15	Gioconda	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00
16	Valquíria Silva Carv	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 4,50	R\$ 9,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00
17	Edaeva Oliveira do	R\$ 9,00	R\$ 0,00	R\$ 5,00	R\$ 4,00	R\$ 4,50	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 2,30	R\$ 3,00	R\$ 2,00	R\$ 0,00
18	Eloá Coutinho	R\$ 4,50	R\$ 6,00	R\$ 5,00	R\$ 4,00	R\$ 9,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 2,30	R\$ 3,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00
19	Maria do Socors	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 4,60	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00
20	PAULO	R\$ 4,50	R\$ 6,00	R\$ 5,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00	R\$ 0,00

Figura 2 – Planilhas geradas pelo formulário Google Forms que auxiliam nas atividades de delivery:

Dos ESS participantes, obtivemos os seguintes dados quanto aos bairros com maior demanda (Tabela I) e referente aos produtos mais solicitados, dentro do período de uso do formulário (Tabela II):

A partir da tabela I, observa-se que os bairros com maior consumo dos produtos são onde estão as pessoas com maior poder aquisitivo, isso relatado tanto em relação aos produtos orgânicos quanto aos convencionais. É notório neste momento, destacar a Segurança Alimentar, a Legislação Básica do Sistema Nacional de Segurança Ali-

mentar e Nutricional (BRASIL, 2017) no seu Art. 5º que garante: “consecução do direito humano à alimentação adequada e da segurança alimentar e nutricional requer o respeito à soberania, que confere aos países a primazia de suas decisões sobre a produção e o consumo de alimentos”.

Na tabela II, demonstra-se os números dos produtos consumidos pelos clientes semanalmente. Os EES podem fazer uso desses dados para tomadas de decisões da organização, ou seja, verificar quais os produtos com maior número de vendas, e a partir disso, ter precisão de onde investir.

Grupos	Bairros com mais pedidos (dados obtidos pelo aplicativo)	Período
Coopercinco	Jardim Floresta (12,8%); Pricuma (8,5%); Asa Branca e Centenário (6,4%); Liberdade, Nova Canaã e Aeroporto (4,3%)	Primeira semana de junho/20
Hortivida	Paraviana (33%); Caçari (28%); Mecejana (12%); São Francisco (11%); Aparecida (7%); Centro (6%); Jardim floresta (5%); Buritis, Bairro do Estádio e São Vicente (4%); Jd. Tropical (3%); Cinturão Verde, Said Salomão (2%) e Cd. Satélite, Asa Branca e Cauamé (1%).	Final de junho/20

Tabela I – Dados dos bairros com mais pedidos obtidos com o aplicativo.

Grupo	Produtos orgânicos mais pedidos (dados obtidos pelo aplicativo)	Período
Coopercinco	Melancia (72,7%); Melão (89,55); Limão (85,5%); Batata doce (76,2%); Abóbora jacaré (78,9%); Alface (maço) 81,8%; Alface roxa (100%); Rúcula (76,2%); Hortelã (100%); Salsa (90%) e Espinafre (100%)	Primeira semana de junho/20
HortiVida	Alface (59%); Batata (21%); Cheiro verde (44%); Chuchu (26%); Coentro (32%); Espinafre (23%); Frango (33%); Goma de Tapioca (33%); Iogurte (32%); Ovos (63%); Queijo (53%) e Rúcula (30%).	Final de junho/2020

Tabela II – Dados dos produtos solicitados pelos clientes usando o aplicativo.

As vendas on-line foram bem aceitas pelos consumidores, devido à modernização de atendimento e a facilidade de utilizar o aplicativo. Como consequência, houve o aumento dos pedidos. Antes da adesão do formulário, os empreendedores tinham diariamente, em média, oito pedidos. Após a aplicação dessas ferramentas, eles passaram a receber mais de 50 encomendas.

Apesar da experiência positiva, os EES optaram por não adotar, no momento, as vendas por meios eletrônicos pelos seguintes motivos: a COOPERCINCO é uma cooperativa de médio porte e a venda para clientes finais não é uma prática.

Deve-se destacar que, ao observar que a plataforma deu certo, a cooperativa decidiu montar uma loja física exclusiva para a comercialização de produtos advindos da agricultura familiar, e pretendem retornar com o uso do aplicativo. A Hortivida não conseguiu incluir alguém da organização para operar o aplicativo e gerir as informações coletadas.

Observou-se a aceitação da plataforma por parte das EES. No entanto, ressalta-se a necessidade de capacitação dos empreendedores para uso das tecnologias, o que possibilitaria organizar os pedidos com facilidade e permitir gestão do tempo para realizar outras atividades, como manutenção dos seus sítios e propriedades. Além disso, a adoção dessas ferramentas tecnológicas permitiu analisar que os bairros de Boa Vista, com habitantes de maior poder aquisitivo, são os que mais consomem produtos orgânicos.

Por fim, a venda direta possui benefícios, como a identificação de demandas dos consumidores, a troca de experiências e receitas.



REFERÊNCIAS

ALMEIDA, A. S. A contribuição da extensão universitária para o desenvolvimento de Tecnologias Sociais. In: Tecnologia Social e Desenvolvimento Sustentável: Contribuições da RTS para a Formulação de uma Política de Estado de Ciência, Tecnologia e Inovação. Brasília, DF: Secretaria Executiva da Rede de Tecnologia Social (RTS), 2010. Disponível em: <<http://tecnologiasocial.sites.uff.br/o-que-sao-tecnologias-sociais/>>. Acessado em 21 de out de 2020.

ANDRÉ, M. Questões sobre os fins e sobre os métodos de pesquisa em Educação. Revista Eletrônica de Educação. São Carlos, SP: UFSCar, v. 1, n. 1, p. 119-131, set. 2007. Disponível em: <<http://www.reveduc.ufscar.br>>. Acessado em 23 de out de 2020.

BRASIL. Guia alimentar para a população brasileira. Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde Básica. – 2. ed., Brasília : Ministério da Saúde, 2014. 156 p.

MENEZES, F. Panorama Atual da Segurança Alimentar no Brasil. Disponível em: <<https://amar-brazil.pagesperso-orange.fr/documents/secual/san.html>>. Acessado em 11 de out de 2020.



O PAPEL DE APOIO, ASSESSORIA E CONSULTORIA DA UFRR PARA AS ASSOCIAÇÕES CULTURAIS

Universidade Federal de Roraima - UFRR

José Carlos Franco de Lima

Mestre em sociologia política pela PUC/SP, doutor em antropologia pela PUC/SP, docente do Curso de Antropologia, coordenador do Projeto de pesquisa Recantos de Beleza e Convivência da UFRR, Coordenador do Programa de Extensão apoio e assessoria a associações culturais da UFRR.

Vamos partir da constatação de que existem milhares de ações culturais coletivas na América Latina que visam a afirmação da convivência e da produção de beleza, muitas delas informais e espontâneas, outras formalizadas e apoiadas por parcerias privadas e públicas. Essas iniciativas são microinstituições com espaços de autonomia relativa que buscam a emancipação social no cotidiano ao afirmar a cooperação e a criatividade como contraponto ao individualismo e ao autoritarismo. Em nível local observamos que as associações culturais se consolidaram ao longo dos anos abrangendo desde quadrilhas juninas até associações étnicas.

É importante observar que o setor artístico-cultural tem enfrentado dificuldades devido a conjuntura política desfavorável. A participação do setor nos gastos do governo federal em relação ao orçamento total caiu de 0,08% em 2011 para 0,07% em 2018. Já os governos estaduais re-

duziram de 0,42% em 2011 para 0,28% em 2018 e os municípios diminuíram de 1,12% em 2011 para 0,79% em 2018 segundo dados da Agência IBGE Notícias publicados em 05.12.2019. A pandemia ampliou as dificuldades para o setor. Em consequência, o Congresso Nacional aprovou recursos para auxílio emergencial ao setor artístico-cultural, que foram repassados aos estados e municípios. Após intensa mobilização do Fórum Estadual de Cultura, foram abertos editais de apoio emergencial ao setor artístico-cultural pelo governo do estado e prefeitura de Boa Vista (RR), no segundo semestre de 2020. Apesar das restrições a eventos abertos ao público devido à pandemia, a perspectiva para 2021 é uma retomada da produção artística no estado.

Nesse contexto, a Universidade Federal de Roraima tem um papel preponderante no desenvolvimento de ações artístico-culturais e no apoio e assessoria a associações culturais e grupos informais dos vários segmentos artísticos. Podemos pontuar algumas atividades, que foram desenvolvidas pela UFRR na área de apoio, assessoria e consultoria:

O acompanhamento e participação nas assembleias e reuniões gerais das associações culturais quando convidados;

A assessoria para a elaboração de projetos para captação de recursos e o acompanhamento dos processos de regularização das associações;

A organização de seminários para formação de agentes culturais das associações em parceria com as lideranças das mesmas;

A supervisão dos processos de regularização das associações culturais;

A oferta de consultoria permanente na área de planejamento estratégico.

É importante destacar que a imprevisibilidade das ações culturais é um dos elementos que temos que levar em conta nos trabalhos de assessoria, apoio e consultoria. A medida em que as organizações desenvolvem suas atividades e os acontecimentos externos eclodem, surgem novas demandas. Respondemos a essas demandas na medida do possível. Por exemplo, ações como a distribuição de “cestas verdes” pela Associação Cultural Apuí para famílias venezuelanas, maranhenses e indígenas foi uma ação diretamente ligada à introdução de uma dieta imunomodula-

dora nas famílias atendidas devido ao COVID-19.

Um dos programas que estamos propondo é o Programa de apoio e assessoria a associações culturais, que prevê inicialmente acompanhar três organizações em Boa Vista (RR): a Associação Cultural dos Maranhenses, a Associação Cultural Apuí e a Associação Cultural Indígena Kapoi-RR.

Metodologicamente nos balizamos na Pesquisa Ação Participante, uma síntese formulada no Projeto de Pesquisa Recantos de Beleza e Resistência (2014-2016, coordenado pela Dra Alejandra Astrid Leon) entre pesquisa-ação (Michel Thiollent), pesquisa participante (Carlos Rodrigues Brandão), investigación accion participativa (Orlando Fals Borda), pesquisa inserção e pesquisa convivência desenvolvidas por mim no mestrado e doutorado.

Trata-se de uma presença acadêmica ativa na qual subsidiamos os processos de tomadas de decisões e a realização de ações das organizações apoiadas com informações que colaborem na construção das ações artístico-culturais coletivas. Aplicamos essa metodologia nas ações junto a migrantes venezuelanos em Roraima no período de 2017 a 2019. Inclusive, publicamos um artigo sobre os princípios metodológicos do projeto de Extensão na Revista de Extensão da Universidade Federal de Goiás.

Nessa proposta, estar presente é uma condição básica para o desenvolvimento de atividades de apoio e assessoria. O que supõe estarmos disponíveis para perceber a alteridade para além das palavras. É olhar, é tocar, é observar, é interagir, é expor-se, é estar no aqui e agora. Trazemos os pressupostos teóricos para o aqui e agora da ação cultural permitindo que sejam colocados em xeque, inclusive permitimo-nos abrir mão de planejamentos se necessário. A situação concreta nos guia. O direito ao bem-estar e à beleza, a construção de vínculos afetivos e a construção de espaços de diálogo compõem o horizonte utópico do campo relacional no qual nos movemos.

Cada atividade ou ação cultural específica que surge compõe esta grande sinfonia improvisada. Nesse campo, manifesta-se o que nos habita e atravessa, inclusive, pesares, lamentos e dores. Os grandes temas perenes e pontuais presentes em nossa sociedade se manifestarão. Porém, as

formas como serão abordados ou digeridos nos momentos coletivos dependerá de cada situação.

Consolidar uma equipe estável de extensionistas é um dos nossos maiores desafios. Estudantes dependem de bolsas. Também dependem de disponibilidade de horários. Um dos desafios é combinar linguagem e tempo acadêmicos com os tempos dos participantes das ações culturais. A falta de tempo dos estudantes e docentes para acompanhar as ações culturais pode inviabilizar as atividades permanentes de apoio, assessoria e consultoria. Por isso nossa proposta inicial é bastante humilde: acompanhar as principais ações culturais das três associações contempladas na primeira fase do programa.

Queremos encerrar essa breve reflexão com a fotografia de uma atividade de formação para agentes culturais da Associação Cultural dos Maranhenses e Associação Cultural Apuí realizada em 27 de novembro de 2019 apoiada e assessorada pela UFRR.

Oficina de danças tradicionais - 27.11.2019 – Bairro Santa Luzia – Boa Vista – Roraima

A foto retrata nossos horizontes utópicos: simplicidade, horizontalidade, igualdade de gênero, convivência harmoniosa entre migrantes venezuelanos, maranhenses e indígenas originários. Cuidado mútuo, alegria e criatividade.

REFERÊNCIAS

BARBIER, René. A pesquisa-ação. Brasília, Liber Livro Editora, 2007.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Repensando a pesquisa-participante. S. Paulo, Brasiliense, 1985.

BRASIL. IBGE/Sistema de Indicadores Culturais. Participação da cultura no orçamento reduz em todas esferas de governo em 2018. Acessado em 02.11.2020: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/26238-participacao-da-cultura-no-orcamento-reduz-em-todas-esferas-de-governo-em-2018-#:~:text=O%20setor%20p%C3%ABablico%20destinou%20para,despesas%20consolidadas%20da%20administra%C3%A7%C3%A3o%20p%C3%ABablica.&text=A%20participa%C3%A7%C3%A3o%20do%20setor%20nos,0%2C07%25%20em%202018.>

CEDEÑO, Alejandra Astrid. El Trueque Constructivo: Buscando formas respetuosas de trabajo con prácticas contrahegemónicas. Fermentum, Revista de Sociología y Antropología, septiembrediciembre. Vol. 17, N. 50, 626-645. Disponível em: <<http://redalyc.uaemex.mx/pdf/705/70505010.pdf>>.2007. Acesso em 16/07/2013.

CEDEÑO, Alejandra. Danzando la Psicología Comunitaria: revisitando la IAP a partir de la experiencia de danza en una asociación cultural de barrio. Athenea Digital, N. 17: 255-270, marzo 2010. Acesso em 16/07/2013. Disponível em: <http://psicologiasocial.uab.es/athenea/index.php/atheneaDigital/article/viewFile/653/510>

FALS BORDA, O. Acción comunal en una vereda colombiana. Bogotá: Universidad Nacional de Colombia, 1962.

FREIRE, P. Ação cultural para a liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

LIMA, J.C.F. Acolhimento, proteção e inserção criativa: Uma reflexão sobre a metodologia do Projeto de Apoio a Refugiados em Roraima (2017-2018). Revista UFG, 2019. URL: <https://doi.org/10.5216/revufg.v19i0.56103>

SEQUEIRA, Alexandre Romariz. Entre a Lapinha da Serra e o Mata Capim. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas – Escola de Belas Artes, 2010.

Foto: Edinelza Ferreira Peixoto

ENFRENTAMENTO À VIOLÊNCIA SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES: PREVENÇÃO, IDENTIFICAÇÃO E ENCAMINHAMENTO DE CASOS EM TEMPOS DE PANDEMIA



Universidade Federal de Roraima - UFRR

Flávio Corsini Lirio

Doutor em Educação pela Universidade Federal do Pará. Professor Adjunto do curso de Pedagogia e do Programa de Mestrado em Educação da Universidade Federal de Roraima.

O relatório do Disque 100 (2019) aponta que o estado de Roraima, a violência sexual praticada contra crianças e adolescentes é uma realidade degradante, devido ao alto índice de ocorrências registradas nos órgãos da Rede de Proteção Social (RPS). Essa população tem sofrido casos de abuso sexual, exploração sexual e situação de tráfico para fins sexuais. Desde 2004, a UFRR tem participado de ações de articulação e formação voltadas ao enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes junto à RPS. A UFRR também integra, por meio de representação, o Comitê Estadual de Enfrentamento à Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes, criado em 2006.

Nesse sentido, o curso apresentado teve como objetivo fomentar a formação continuada de membros da comunidade externa e de alunos da universidade sobre a temática. Esse cenário, sobretudo, nesse momento de pandemia, sinaliza a possível vulnerabilidade em que crianças e adolescentes estão submetidos, devido à situação de

confinamento em casa. De modo, que necessitam de apoio social para que possam romper com as situações de violência sexual.

Cabe ressaltar ainda a relevância social e acadêmica da ação de Extensão realizada, que está ancorada no Plano Nacional de Extensão, que define: “A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade” (2001, p. 01).

Em consonância com o Plano Nacional, a UFRR prevê, em seu Guia de Extensão, que “A Universidade (...) estabelecerá relações de reciprocidade com seu meio, oferecendo a este, conhecimentos e técnicas sistematizados e recebendo informações e demandas que realimentem o ensino e a pesquisa” (entre 2011 e 2020, p. 01).

Tais documentos são referências para ao Plano de Desenvolvimento Institucional (2011), que tem como um de seus objetivos “Contribuir na formação de cidadãos com valores éticos, competência técnica e comprometidos com a construção de uma sociedade mais justa, solidária e igualitária” (p. 15).

Sendo assim, a realização por meio remoto buscou facilitar o acesso de todos ao conteúdo e possibilitou a interação entre os participantes e o compartilhamento de materiais informativos para leitura, além da realização das atividades, que tornam os sujeitos mobilizados para este tipo de ação e antenados para atuarem diante da suspeita de violência sexual praticada contra criança e adolescente.

O curso foi organizado em quatro etapas, com uma carga horária de 40 horas, no período de maio a julho de 2020. Divulgado amplamente, contou com cerca de 300 inscritos. Sendo as atividades realizadas cem por cento on-line. Dada as dificuldades de internet e do manuseio das ferramentas da plataforma, apenas cerca de 100 cursistas conseguiram acessar a plataforma e concluir o curso.

Etapa 1

Tema: Sensibilização para o enfrentamento à violência sexual

Foi disponibilizado aos participantes, o link de acesso ao documentário “Canto de Cicatriz” (2005), que apresenta depoimentos de mulheres

que sofreram violência sexual e socializam suas experiências, como forma de alertar e sensibilizar a sociedade para integrar e fortalecer a Rede Social de Proteção (RSP) como forma de prevenir essas situações de violência e evitar os danos físicos e psíquicos.

Faleiros e Faleiros (2007) consideram a problemática da violência sexual contra crianças e adolescentes como uma questão de saúde pública e que a sociedade tem o dever de denunciar casos dessa natureza quando suspeito, como prevê o artigo 5 do Estatuto da Criança e do Adolescente (2019). No entanto, para isso, é preciso ter informações gerais sobre a ocorrência desse tipo de violação e maneiras de como atuar frente às suspeitas de casos. Por essa razão, campanhas e cursos têm sido realizados como forma de sensibilizar e tornar a sociedade mais preparada para agir nesses casos.

Etapa 2

Conceituando o fenômeno da violência sexual - Esclarecimentos sobre a questão do abuso e da exploração sexual e tráfico de crianças e adolescentes.

Na segunda etapa, é importante destacar que foram amplamente discutidas as ideias que fundamentam teoricamente esse tipo de violência. Sendo um tema complexo, buscou-se contemplar a discussão sobre as diferentes formas de ocorrência e a importância de classificá-las e tipificá-las para que os processos de enfrentamento e de responsabilização sejam realizados de maneiras adequadas.

A violência contra crianças e adolescentes é praticada de várias maneiras, por diferentes autores/atores e em distintos lugares. A classificação mais usual das geralmente denominadas formas de violência é: violência física, psicológica e sexual. Classifica-se a violência sexual em abuso sexual e exploração sexual comercial; o abuso sexual em intra e extra-familiar; a exploração sexual em prostituição, pornografia, turismo sexual e tráfico de pessoas para fins sexuais. No entanto, uma análise mais rigorosa dessa classificação revela imprecisões e lacunas que não podemos deixar de considerar. (FALEIROS, 2007, p.31)

Nessa situação, vislumbra-se que a violência praticada contra criança e adolescente apresenta distinções entre os elementos físicos, psíquicos e sexuais. Ressalta-se que o Brasil é um País com

enormes desigualdades econômicas, sociais e de gênero, historicamente de origem classista, adultocêntrico, machista e racista, conforme apontado nos estudos de Saffioti (2004). Esse contexto apresenta uma situação extremamente vulnerável contra crianças e adolescentes. Os dados apontam que 80% dos casos denunciados de violência sexual são praticados contra meninas, entre sete e 14 anos de idade. Portanto, verifica-se que são crianças e adolescentes em idade escolar, o que torna a instituição de ensino importante nesse contexto e primordial para a realização de identificação e quebra do ciclo de violência.

Etapa 3

Olhar de águia e escuta qualificada - Sinais e procedimentos para identificação e encaminhamento de casos suspeitos

Para aprofundar a reflexão, o curso caminhou com o propósito de refletir sobre os instrumentos de identificação dos possíveis casos de violência sexual, o processo de notificação e encaminhamento de casos. Foi utilizado como suporte teórico para leitura e discussão a obra organizada pelo Programa Escola que Protege do Ministério da Educação (2004). A identificação dos sinais de ocorrência como cansaço, dificuldade de socialização e interação na escola e queda no rendimento da aprendizagem.

A questão ética, o cuidado com a identificação e o encaminhamento dos casos são fundamentais para resguardar a proteção da identidade da criança e do adolescente, evitar o processo de revitimização, e até, de casos de suicídio do sujeito violado. Sendo assim, o conhecimento sobre o assunto e a maneira de como fazer os procedimentos de intervenção se apresentam como fundamentais.

Nesse sentido, o trabalho junto aos órgãos e a sociedade é fundamental para que todos tenham a dimensão e as implicações do processo de identificação e de encaminhamento de caso dessa natureza para que a questão ética de segurança, sobretudo em relação ao sujeito violado, seja devidamente resguardada. Ao mesmo tempo, o trabalho em rede se apresenta como essencial para o fortalecimento do enfrentamento à violência sexual contra crianças e adolescentes.

Etapa 4

Rede de Proteção Social de Crianças e Adolescentes: uma realidade possível

A discussão em torno da problemática da violência sexual contra criança e adolescente serve de alerta e subsídio para a RPS. Além de se aproximar dos sujeitos com intuito de abrir os olhos e os ouvidos para um acolhimento e, dessa maneira, fazer os possíveis encaminhamentos ao Conselho Tutelar, à assistência de suporte à saúde, ao suporte psíquico e social, como é o caso do Centro Especializado da Assistência Social (CREAS).

A integração das políticas de atendimento da Rede de Proteção de crianças e adolescentes é caracterizada pelo conjunto social constituído por atores e organismos governamentais e não-governamentais, que se articulam e constroem, de modo geral, as ações que objetivam garantir os direitos gerais ou específicos de uma parcela da população infantojuvenil, de maneira especial, nesse tema da violência sexual.

Toda discussão foi mediada também pelo entendimento da aplicabilidade da Lei que visa o entendimento da proteção social de crianças e adolescentes, como o Estatuto da Criança e do Adolescente e as normas jurídicas modificadas ao longo da história, voltadas ao reforço do enfrentamento da violência contra a população infantojuvenil, servem de base e exprimem o grau de mobilização social. A Lei Nº 13.431, promulgada em 2017, que trata das Normas do Sistema de Proteção Social de Crianças e Adolescentes Vítimas de Violência Sexual, é uma das principais legislações e tem como objetivo o fortalecimento e a defesa dos sujeitos violados.

Em todas as etapas, o cursista tinha um conjunto de leituras e atividades a serem realizadas por meio de postagens e respostas nos fóruns que permitiam a interação entre os participantes.



Em tempos de pandemia, que resultou no confinamento das pessoas, intensifica-se a preocupação com a violência sexual praticada contra crianças e adolescentes, pois, os estudos apontam que, cerca de 80% dos casos de abuso sexual ocorrem no ambiente familiar e quase na mesma proporção, praticada por algum membro da família ou pessoa próxima que detém um grau de confiança/poder em relação à criança e ao adolescente, de acordo com os escritos de Faleiros e Faleiros (2007).

Por essa razão, a oferta do curso de extensão on-line oferecido à comunidade, foi uma forma de reforçar a mobilização social para o enfrentamento a esse tipo de violação. O intuito do curso foi disponibilizar aos sujeitos informações que possibilitem maior entendimento sobre o que é, como ocorre e de que maneira podemos intervir, de forma segura, para romper o ciclo de violência e promover a proteção social dos sujeitos violados.

Ao final do curso, foi aplicado um questionário aos participantes para obter um retorno avaliativo sobre a capacitação e essa experiência de formação virtual, que não é novidade, mas que para esse momento que estamos vivenciando, tornou-se a única medida de mobilização social possível para manter a temática em discussão.

Verificou-se que a maioria dos participantes considerou que os objetivos foram alcançados. Ao mesmo tempo, eles consideraram que a carga horária foi compatível com o conteúdo proposto. O material didático disponibilizado nas diferentes etapas foi considerado adequado ao aprendizado esperado. Como sugestão foi apresentado, como forma de maior disseminação do conteúdo, a possibilidade de disponibilização de videoaulas.

Mediante as avaliações apresentadas é possível inferir que os objetivos do curso foram alcançados. Seja a parte técnica de disseminação da informação, do processo de mobilização de diversos sujeitos de diferentes áreas que se inscreveram e compartilharam as experiências vivenciadas, o curso demonstra o quanto essa temática sensibiliza e necessita de socialização para fortalecer vínculos e promover cuidados essenciais aos sujeitos em situação de violência ou de vulnerabilidade.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei Nº 8.069, de 13 de julho de 1990 - Estatuto da criança e do adolescente. Brasília: Congresso Nacional, 2019.
- BRASIL. Guia Escolar. Brasília: SEDH, 2004.
- BRASIL. Lei 13431 - Normas dos Sistema de Proteção Social de Crianças e Adolescentes Vítimas de Violência Sexual. Brasília: Congresso Nacional, 2017.
- BRASIL. Plano Nacional de Educação. Brasília: MEC, 2001.
- BRASIL. Relatório Disque 100. Brasília: MDH, 2019.
- FALEIROS, Vicente de Paula; FALEIROS, Eva Silveira. Escola que Protege. Brasília: SECAD, 2007. p. 13-26
- RORAIMA. Guia de Extensão Universitária da UFRR. file:///C:/Users/anton/Downloads/guia%20de%20extensao%20da%20ufr%20(1).pdf (entre 2011 e 2020)
- LAÍS, Chaffe (Roteiro e direção). Canto de Cicatriz. Porto Alegre: Beta, 2005.
- RORAIMA. Plano de desenvolvimAento Institucional da Universidade Federal de Roraima. Boa Vista: editora UFRR, 2011.
- SAFFIOTI, Heleieth. Gênero, Patriarcado e Violência. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

PATRIMÔNIO CULTURAL EM TEMPOS DE PANDEMIA



Universidade Federal de Roraima - UFRR

Jimmy Iran dos Santos Melo - Graduado em História pela Universidade Federal de Roraima (UFRR); Especialista em História, Cultura Africana e Afro-brasileira; e Mestre em Sociedade e Fronteiras pela Universidade Federal de Roraima (UFRR)

Ana Paula Reis Santos - Graduada em Geografia pela Universidade Estadual de Roraima (UERR), Especialista em Educação de Jovens e Adultos (IFRR) e Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Roraima (UFRR).

José Darcísio Pinheiro - Graduado em História pela Universidade Federal do Ceará (1988).

Francisco Pereira Gomes de Oliveira - Graduado em Português – Inglês pela Universidade Federal de Roraima (2012), e pós-graduado em Literatura Contemporânea pela Faculdade de Educação São Luis.

Jéssica Carla da Silva - Graduada em História pela Universidade Federal de Roraima (UFRR); Especialista em Metodologia do Ensino de História e Geografia pelo Instituto Barão de Mauá/SP.

Este relato de experiência envolve conceitos de Patrimônio Histórico e Cultural – material e imaterial na perspectiva do IPHAN, para alunos dos 6º anos do Ensino Fundamental e seus representantes legais no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Roraima (UFRR) em 2020, o que proporcionou aos estudantes uma ideia da preservação de Patrimônios Históricos e Culturais da cidade de Boa Vista em tempos de pandemia provocada pelo Coronavírus Disease (doravante COVID-19).

Para tanto, realizaram-se ações por meio da interação da plataforma SIGAA aos discentes e seus responsáveis (comunidade), com o propósito de adquirirem conhecimentos referentes ao Patrimônio Histórico e Cultural na cidade de Boa Vista (RR) e ampliação da percepção dos aspectos da herança cultural roraimense.

Diante disso, foi necessário entender a apresentação de uma memória propícia à construção de identidades na temática do Patrimônio Histó-

rico e Cultural, bem como o reconhecimento de que o nosso Patrimônio pode e deve ser preservado e cuidado pelas futuras gerações.

Buscou-se ainda, por meio da experiência ora relatada, não somente proporcionar a participação dos alunos, mas também o contato virtual (leitura, pesquisas) aos escritores roraimenses, funcionários públicos e políticos, que mesmo tendo seus interesses particulares, há de se ressaltar que existe muito em comum entre eles: preservar no presente, o passado para uma nova dimensão, o futuro. Concordando com Jaques Le Goff (2003) na distinção que faz entre passado/presente que aqui nos ocupa, existente no coletivo e que ocupa à consciência social histórica.

Segundo Ramalho (2012), os lugares de memória são vestígios residuais que se ligam ao poder de perpetuação da memória. São testemunhos do passado em um mundo desritualizado. Eles se propõem a serem “meios” pelos quais são restabelecidos os sentimentos de unidade, continuidade e coerência, imprescindíveis na constituição da (s) identidade (s).

Nesse sentido, nossa empreitada propôs o estudo do Patrimônio Histórico e Cultural (material e imaterial) de Boa Vista, abrangendo o recorte temporal da memória material e imaterial construída entre os séculos XIX e XXI. Embora, no que tange à memória material, tenhamos a existência de um bom número de prédios, obras e outras memórias produzidas e construídas nesse período, nem todos foram alcançados por essa pesquisa.

Dentre os Patrimônios tombados é sabido que alguns são de âmbito estadual e outros de âmbito municipal. Há também um Patrimônio Natural, árvore sumaúma na Escola Estadual Princesa Isabel, localizada em Boa Vista, que teve o seu reconhecimento histórico, pois quando aqui chegaram os ditos “pioneiros” ela já estava, ela compõe a paisagem do centro da cidade.

A análise de cada obra, construção e memórias, a partir da percepção dos alunos do CAP, foi possibilitada por meio da ferramenta do Google Earth, um software de livre acesso e de fácil manuseio, desenvolvido pelo Google, que utiliza imagens de satélites de boa qualidade e a percepção tridimensional do globo terrestre para facilitar a representação espacial de elementos constituintes da paisagem, configurando-se em uma

excelente ferramenta para o desenvolvimento das atividades propostas, especialmente, no período da pandemia do COVID-19.

Além disso, essa ferramenta pode ser utilizada para recriar diversos percursos ao longo da história, como a jornada de Marco Polo pela Ásia, inclusive, pode explorar a arquitetura de uma cidade, identificar elementos da paisagem e recontar a história, visto que o pensamento geoespacial transformou as percepções sobre o mundo e modificou a maneira como lidamos com problemas, sejam eles relacionados à mudança climática e/ou à proteção da vida selvagem.

Cabe salientar, ainda, que uma das características importantes do Google Earth é que ele transpõe a dimensão de gerador de mapas bidimensionais e imagens de satélite, podendo ser utilizado também como simulador das diversas paisagens presentes no Planeta Terra (MARTINS, 2013).

Sendo assim, podemos fazer a verificação dos critérios utilizados para a eleição de determinado Patrimônio como sendo histórico ou cultural material ou imaterial, bem como fazer uma observação sobre aqueles que já não guardam mais a sua característica original, ou mesmo que são usados, na atualidade, para outros fins. Ainda assim, objetivamos, fundamentalmente, demonstrar que pelo fato de muitos cidadãos acreditarem que uma edificação, música, pintura por ser “velha” já seria motivo para ser tombado. Isso vem ao encontro daquilo que Marcos Silva (2003) denominou como “A aparente unanimidade”. Para ele quando se invoca a expressão Patrimônio Histórico essas categorias fundantes podem ser exacerbadas de tal forma que se perdem, em muitas ocasiões, horizontes constitutivos das sociedades estudadas e que estudam. Estes são marcados por alianças, diferenças e conflitos, pela multiplicidade de experiências da temporalidade social que significa pluralidade na construção de referências e identidades e, portanto, na definição de patrimônios (SILVA, 2003, p. 44).

Assim procuramos ainda, analisar tais conjunturas propostas na identificação de como se deu o processo de seleção e tombamento na preservação de Patrimônios Históricos e Culturais, materiais e imateriais. Além disso, é sabido que muitos imóveis, pinturas, músicas, danças tombadas ainda estão sendo usados, tanto pelo poder público, quanto por instituições privadas. Nos qua-

dros de um conhecimento histórico que garanta profundidade para todos como forma de acesso ao prazer da história, é fundamental que um patrimônio histórico de tal riqueza seja preservado para ser apropriado também por agentes sociais diferentes daqueles que o monopolizaram desde sua fundação (SILVA, 2003, p. 47).

Nesse sentido, temos que a história de um povo é contada a partir de diferentes ângulos, de forma que cada viés tem sua forma de expressar e marcar o período vivido por cada geração. As árvores que compõem a paisagem de um lugar, bem com as arquiteturas e construções, músicas, danças, pinturas, poemas, sejam elas simples ou complexas, estão inseridas nesse contexto. Sendo que, com o passar do tempo essas obras, que não vão acompanhando as tendências de cada época perdem o sentido, e as que permanecem passam a ser consideradas patrimônios históricos, descritas como bem comum de uma sociedade, herança de seus ancestrais e constituídas de artefatos, documentos, obras, locais etc. consideradas de valor histórico pela comunidade culta, esclarecida (Celson Ferrari, 2008).

Nesse contexto e considerando o que foi exposto, elegemos ação de valorização do Patrimônio Cultural: Material e Imaterial da Cidade de Boa Vista (RR) do século XIX ao XXI.

A princípio, tínhamos a intenção de utilizar o espaço físico do Colégio de Aplicação (CAp/UFRR) para implementação das ações de Extensão. Contudo, todos nós fomos surpreendidos pela pandemia COVID-19, a qual nos impôs medidas restritivas, tais como: o isolamento e o distanciamento social como forma de proteção à saúde coletiva e, portanto, foi necessário à implementação de adaptações nas ações de extensão, a partir das medidas de biossegurança, que não permitiam deslocamentos e permanências em espaços públicos, inclusive, a UFRR. Assim, adotamos o trabalho remoto para todas as ações de ensino, pesquisa e extensão. Apenas uma equipe reduzida, permaneceu em atividade presencial, planejando as ações e executando as atividades gerenciais e administrativas nos campi.

Para solucionar o problema causado pela pandemia, distanciamento social, buscamos readaptar e readaptar as metodologias de extensão para vivenciar o Patrimônio Cultural de Boa Vista – Roraima. Nesse sentido, buscamos, por meio



do suporte de programas de computadores e uso de tecnologias móveis, proporcionar aos alunos a possibilidade de visitar os locais de maneira virtual, o que nos foi permitido pelo uso dessas ferramentas tecnológicas e computacionais, mais precisamente, pelo uso do Google Earth.

O CAp disponibilizou o Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA), para uso de todos os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental, nós propusemos trabalhar a vivência do patrimônio com os alunos dos 6ºs anos e os pais em ações de Extensão, preparamos os roteiros das ações que envolvessem a comunidade escolar de forma remota.

Além disso, preparamos vários roteiros para ações de Extensão. A exemplo, temos no primeiro momento o contato com o que chamamos de compreensão da importância do Patrimônio Histórico e Cultural de Boa Vista. Seguimos o percurso da metodologia utilizada no guia de educação patrimonial do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN, 1999), a saber: (i) A observação, nessa etapa usamos exercícios de percepção sensorial (visão, tato, olfato, paladar e audição) por meio de perguntas, experimentações, provas, medições, jogos de adivinhação e descoberta (detetive), etc., de forma que se explorasse, ao máximo, o bem cultural ou tema observado

(não sendo possível o tato, olfato e paladar). (ii) O registro, com desenhos, descrições verbais ou escritas, gráficos, fotografias, maquetes, mapas, buscando fixar o conhecimento percebido, aprofundando a observação e o pensamento lógico e intuitivo. (iii) A exploração, que busca a análise dos bens culturais com discussões, questionamentos, avaliações, pesquisas em outros lugares (como bibliotecas, arquivos, cartórios, jornais, revistas, entrevistas com familiares e pessoas da comunidade), desenvolvendo as capacidades de análise e espírito crítico, interpretando as evidências e os significados. E (iv) a apropriação, que recria o bem cultural, através de releitura, dramatização, interpretação em diferentes meios de expressão (pintura, escultura, teatro, dança, música, fotografia, poesia, textos, filmes, vídeos, etc.), provocando, nos participantes, uma atuação criativa e valorizando, assim, o bem trabalhado (sendo que parte dessa ação não foi possível devido ao distanciamento social).

O projeto propiciou aos alunos a valorização concernente ao Patrimônio Histórico e Cultural da nossa sociedade, descortinando o papel assumido pela população e pelos órgãos responsáveis pela manutenção do mesmo, discutindo o papel da Educação Escolar, a qual exerce um papel fundamental na construção dessa sensibilização.

Portanto, embora seja sabido que todos foram surpreendidos pela pandemia COVID-19, tivemos que nos readaptar metodologicamente com os recursos tecnológicos da geração atual (p. ex. recursos do Google Earth). Essa tecnologia nos possibilitou uma variedade de pesquisas na área de observação de campo (virtualmente), coleta de informações (virtuais) e visitas técnicas virtuais aos locais disponibilizados em condição de patrimônios.

Assim, mostramos que a educação vai além do aprendizado da sala de aula, proporcionando uma jornada de descobertas que vão além do mundo físico.

REFERÊNCIAS

- FERRARI, Celson. Dicionário de Urbanização. ed. São Paulo: Disal, 2004.
- HORTA, M. L. P.; Grunberg, E., MONTEIRO, A. Q.. Guia básico de educação patrimonial. Brasília: IPHAN, 1999.
- LE GOFF, Jacques. História e memória. 5ª Ed. Campinas/SP: UNICAMP, 2003.
- MARTINS, L. J.; SEABRA, V. S. da; Carvalho, V. S. G de. O uso do Google Earth como ferramenta no ensino básico de Geografia. In: Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto (SBSR), 16, 2013, Foz do Iguaçu. Anais XVI SBSR, Foz do Iguaçu, PR, Brasil, 13 – 18 de abril de 2013, INPE, p. 2657 – 266.
- SCHIMIDT, Maria Auxiliadora. Ensinar História. São Paulo: Scipione, 2004.
- SILVA, Marcos A. História: o prazer no ensino e pesquisa. São Paulo: contexto, 2003.
- RAMALHO, Paulina Onofre. Lugar de Memória: o plano urbanístico de Boa Vista – RR. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2012.
- TEIXEIRA, Claudia Adriana Rocha. A Educação Patrimonial no Ensino de História.



Click e acesse

PRAE PRÓ-REITORIA DE
ASSUNTOS ESTUDANTIS
E EXTENSÃO

prae.ufrr.br



ufrr.br



@ufrr oficial



@ufrr oficial



@ufrr oficial



@ufrr oficial